

PERSPETIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.

DIMENSÕES EXTRAS

Carla Francisco

ESTADO LÍQUIDO: FOTOGRAFANDO ÁGUA

Luís Afonso

ENSAIO

Nuno Vasco Rodrigues

ENTREVISTA

Aurora

4 POR 3

Carla Lopes
Isabel Crispim
João Reis



ÂNGELO JESUS
MÁRIO CUNHA
MIGUEL SERRA
NUNO LUÍS
RICARDO SALVO
RÚBEN NEVES
TIAGO MATEUS

Editorial.



Estamos quase a meio do ano e a primavera chegou em força. Os campos estão floridos, as florestas exibem um verde vibrante e a vida está à espera que a fotografemos com redobrado empenho.

Nesta edição, converso com a **Aurora**, uma fotógrafa a quem entreguei um prémio, há vários anos, no âmbito do Imaginature. Na altura, a categoria era a “Paisagem e o Homem” e nesta entrevista vão perceber porque a apaixonou tanto esta ligação entre nós e a natureza, inclusive do ponto de vista estético.

Nos artigos de opinião, o meu amigo **Nuno Luís** fala-nos da necessidade de **alimentar a nossa criatividade**, enquanto que a **Carla Francisco**, numa estreia nesta revista, nos apresenta as Dimensões Extras da nossa fotografia. Já o **Ricardo Salvo** deixa-nos a pergunta se é mesmo preciso saber o que fotografamos quando o nosso intuito é maioritariamente artístico.

No ensaio, tenho a honra de apresentar o trabalho do **Nuno Vasco Rodrigues**, que nos leva ao mar dos Açores, a um mergulho ao universo mais azul do planeta.

Nas secções mais técnicas, o **Miguel** e o **Mário** continuam as suas partilhas, um sobre a construção de uma imagem em particular e o outro sobre a questão da luminosidade associada às nossas fotografias. Já eu falo-vos de como fotografo água, esse elemento tão omnipresente na nossa vida.

Nas secções destinadas ao trabalho de campo, o **Ângelo** leva-nos à serra da Cabreira, numa autêntica jornada de exploração. O **Tiago** continua de pedra e cal na sua jornada a preto e branco. Será que vai aguentar até ao outono?

Na secção 4:3 (em honra ao formato desta revista), onde todos podem e devem participar, apresentam-se os fotógrafos **Carla Lopes, Isabel Crispim e João Reis**. É uma honra para mim recebê-los neste espaço e estou certo que os três vão elevar, e de que maneira, a qualidade deste número.

Finalizamos com mais um livro da biblioteca do **Rúben**, do israelo-americano **Guy Tal**.

Esta revista é editada por **Luís Afonso**.

A reprodução total ou parcial, em qualquer meio, é estritamente proibida.

Os direitos de autor do conteúdo aqui apresentado permanecem com os seus proprietários, sendo o mesmo publicado com a necessária permissão.

Colaboraram nesta edição: **Ângelo Jesus, Aurora, Carla Francisco, Carla Lopes, Isabel Crispim, João Reis, Mário Cunha, Miguel Serra, Nuno Luís, Nuno Vasco Rodrigues, Ricardo Lourenço, Ricardo Salvo, Rúben Neves e Tiago Mateus**.

Revisão:
Coletivo Editorial

www.luisafonso.com
© Luís Afonso, 2023



© **Ricardo Lourenço**, 2020. Poucos animais são mais incompreendidos em Portugal do que a Víbora-cornuda. Perseguidas pelo medo ou por crenças infundadas são raras as pessoas que as aceitam. Quem de perto, como o Ricardo, já se cruzou com várias, percebe, através da intimidade criada por uma fotografia, que se trata de um animal tão tranquilo, como belo.

Índice.

01

p. 5-24

ENTREVISTA
Aurora

Nesta edição, Luís Afonso entrevista Aurora, pseudónimo de alguém com um modo de olhar verdadeiramente único. Sem a distração da cor, mas com uma atenção sublime à linha que separa a luz da escuridão, desvenda-nos os porquês por detrás da fotografia que gosta de fazer.

02

p. 25-28

PONTO DE VISTA *por Carla Francisco*
Dimensões Extras

Quantas dimensões tem uma fotografia? Duas, responderá, certamente, sem pestanejar. Mas pense de novo. E se lhe apresentarmos evidências que as suas fotografias podem ter mais do que duas dimensões? Descubra as dimensões extras que uma fotografia pode conter.

03

p. 29-33

CONVERGÊNCIAS *por Nuno Luís*
O Labirinto da Criatividade

Como se faz para se manter a criatividade acesa? Que alimento temos de lhe dar e como podemos fazer para ultrapassar um bloqueio criativo? Será que temos de nos cingir ao mundo da fotografia para alimentar esta nossa paixão pela fotografia?

04

p. 34-38

GRANDE ANGULAR *por Ricardo Salvo*
Retrato do Desconhecido

Ter uma consciência absoluta daquilo que estamos a fotografar é mesmo importante no campo da fotografia puramente artística? Não bastará sabermos que à nossa frente está apenas um estímulo visual que nos “ativou” as emoções para a intenção de criar a fotografia?

05

p. 39-49

ENSAIO
Nuno Vasco Rodrigues

O mar, em especial o dos Açores, é um poço infindável de histórias e de descobertas. É também o presente e o futuro do nosso planeta e o nosso maior desígnio estará em protegê-lo, para que ele possa continuar a dar-nos de volta tudo o que é essencial para a nossa existência.

06

p. 50-52

POR DETRÁS DA IMAGEM *por Miguel Serra*
Bosque Encantado

Numa manhã de primavera, Miguel regressa a um local mágico, foz de romaria de centenas de pessoas durante o outono. Na quietude de um dia normal, o bosque das faias de São Lourenço transforma-se e permite que o fotógrafo se transforme também na criação de algo mais íntimo.

07

p. 53-62

A NOSSA NATUREZA *por Mário Cunha*
Luz ao Fundo do Túnel

Nesta secção o Mário continua a desvendar-nos o que está por detrás de muitas das escolhas que fazemos quando captamos ou processamos as nossas imagens. Nesta edição fala-se do brilho das nossas fotografias, da luminosidade que influencia a energia e o temperamento das mesmas.

08

p. 63-71

A VIAGEM MONOCROMÁTICA *por Tiago Mateus*
Os Monólogos de Vento

Lembra-se do desafio a que se propôs o Tiago na edição passada? De estar um ano a fotografar apenas a preto e branco? Pois bem, aqui fica o segundo capítulo desta demanda, num périplo pelos sítios onde o vento sopra forte.

09

p. 72-84

SAÍDA DE CAMPO *por Ângelo Jesus*
Serra da Cabreira

Neste número, o Ângelo leva-nos à Serra da Cabreira, no norte do país, a poucos quilómetros das terras da Peneda-Gerês. Aproveita este momento para nos falar de exploração e de como esse faceta, de enfrentar o desconhecido, é tão importante no ato da criação.

10

p. 85-90

TÉCNICA
Estado Líquido: Fotografando Água

Fotografar água é das coisas mais comuns para um fotógrafo de natureza. A água está por todo o lado e esgueira-se por todo o lado. Uns preferem-na ver retratada de forma mais suave, enquanto outros gostam de a ver mais energética. Mas será possível captar a água como ela é ou os nossos olhos a vêem?

11

p. 91-93

DA MINHA ESTANTE *por Rúben Neves*
“More Than a Rock”, Guy Tal

Guy Tal é um dos fotógrafos de natureza mais brilhantes dos nossos dias, não só pela sua capacidade de produzir imagens que ficam na nossa memória, mas também por aquilo que escreve e, sobretudo, por aquilo que pensa e nos dá a pensar. Autor de vários livros, este “More Than a Rock”, uma coleção de vários ensaios que foi publicando ao longo do tempo, é talvez o mais seminal.

12

p. 94-109

4 POR 3
Carla, Isabel & João

Nesta secção, tu és o protagonista. São quatro imagens, de três fotógrafos. Mas não são imagens aleatórias. São imagens com algo que as une e que se espelha no texto que cada um escreve para as acompanhar. Obrigado aos que, nesta edição, quiseram mostrar ao mundo um pouco da sua arte.

Aurora. Entrevista.



Aurora.

A fotografia de Aurora (pseudónimo) está impregnada da música de Cohen, dos pontos e linhas de Kandinsky e dos sonhos que se constroem numa pequena vila piscatória, onde o mar sabe assobiar todas as canções da sua meninice. Num mundo de cores vibrantes, escolheu o preto e branco para nos desvendar importância dos pequenos pormenores.

Entrevista por **Luís Afonso**. Fotografias de **Aurora**.

Como foi a tua meninice e adolescência? Tens alguma história que sugerisse que ias ser fotógrafa?

Foi uma infância normal, de quem vive numa terra pequena. Se tivesse que escolher algo para a descrever, que não fossem as palavras, seriam as séries "Verão Azul" e "Cheers, Aquele Bar", com as devidas adaptações. É preciso descontar o imaginário e retirar da história o Chanquete. Cresci numa vila piscatória e turística, em que os tempos livres eram passados com os amigos, a maior parte das vezes na praia, e tive na minha adolescência um sítio onde toda a gente sabia o meu nome.

Sempre gostei de fotografia e sempre quis

aprender a fazer fotografia, mas não me recordo de alguma história que sugerisse que ia seguir este caminho. Acima de tudo, a fotografia é um passatempo, a par de tantos outros. O meu foco, enquanto cresci, foi a formação na área em que trabalho (Direito), daí que só tenha investido neste passatempo quando tive disponibilidade para isso.

Ainda recordas porque pegaste numa câmara pela primeira vez? Que registos fizeste?

Além das fotografias normais, que todos tirávamos e continuamos a tirar (da família, amigos, festas e férias), a primeira vez que peguei numa máquina com um propósito de documentar algo foi na escola secundária, quando fiz parte da

Associação de Estudantes. Foi por ocasião de uma semana à qual, segundo me recordo, demos o nome de "Semana Cultural". Era mais uma desculpa para não haver aulas! [risos] Durante essa semana, fiz o registo das várias atividades que deram corpo ao programa desse evento cultural. É pena, mas não fiquei com cópia das fotografias. Nem com os negativos. Espero que ainda andem lá pela escola...

A primeira máquina "a sério", comprei-a no ano 2000, numa viagem a Andorra. Andei meses a fazer pesquisas e comparações. Mas não percebia nada do que eram aquelas letras P, A, S, M, B... Por essa razão, dei por mim a fotografar sempre no automático. Nessa altura, recebi do fotógrafo da terra o melhor conselho que al-

guém me podia dar. "Queres aprender? Tira muitas fotografias". Só em 2013 fiz um *workshop* e aprendi a fotografar no modo manual ou em semi-automático (prioridade à abertura ou velocidade). A partir daí, tem sido um processo de aprendizagem contínuo.

Os primeiros registos começaram logo por ser de paisagem. Paulatinamente, comecei a fazer também fotografia de rua, o que se revelou muito útil para criar desenvoltura, atenção aos detalhes e à composição, mesmo quando faço paisagem. Os dois tipos de fotografia – rua e paisagem – estão, na minha maneira de os ver, intimamente ligados.

Houve algum fotógrafo (ou artista de outra área) que te tenha inspirado nesses primeiros tempos?

No início, não tinha qualquer cultura fotográfica. Por isso, ninguém! [sorrisos]. De há uns anos a esta parte, comecei a ler livros de fotografia e a ver muita fotografia. Hoje em dia, os meus fotógrafos de referência são o Saul Leiter, Daidô Moriyama, Josef Sudek e o Josef Koudelka. Tenho também o hábito de navegar por sítios da internet para consumir fotografia. Aprendi muito a ver as fotografias dos outros.

Tu tens um fascínio pelo mar, pela praia. O que te atrai neste tipo de cenário?

Sim, é verdade. O mar e a praia, principalmente o primeiro, exercem um grande fascínio sobre mim. Não consigo dizer o que me atrai especificamente. Não é a calma, porque também gosto muito do mar revolto. Talvez a imensidão e a largueza de horizontes. Também aprecio a serra e a montanha. E as planícies, como as do Alen-

tejo. Mas muito dificilmente viveria num sítio sem mar.

Quanto às fotografias que faço, o que me atraem são as linhas. São fotografias muito geométricas, em que o destaque vai sempre para as linhas que o mar e a areia, ou as rochas, desenhavam. Esse é o desafio.

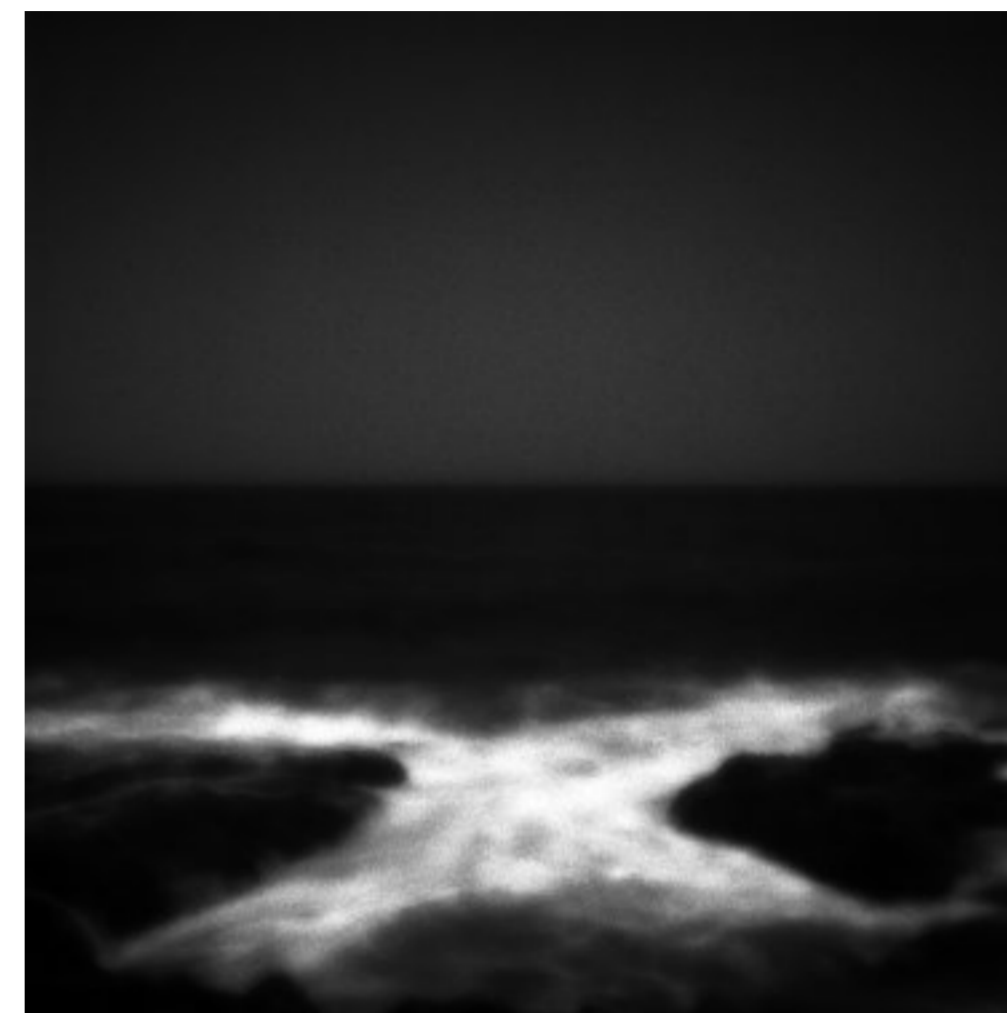
Alguns fotógrafos tendem a ir buscar a beleza a destinos exóticos e longínquos. A tua fotografia é íntima, parece ser feita "dentro da tua casa". É mesmo assim?

É literalmente no meu quintal. E também, em alguns casos, mesmo dentro da minha casa. [sorrisos] Tenho a sorte de viver perto do mar e o mar tem uma característica muito interessante: faz com que o cenário mude todos os dias. Fotografo muito nos mesmos sítios, conheço-os muito bem e, embora faça, muitas vezes, fotografias muito semelhantes, há sempre algo que as distingue. Gosto disso, de estar a cinco minutos de poder fazer fotografia e dos pequenos pormenores que fazem (toda) a diferença.

Também gostava de ir fotografar à Islândia ou à Escócia, só para dizer alguns desses sítios longínquos. Mas isso implicava fazer uma viagem apenas para fotografar, o que também não me provoca grande entusiasmo...

Como surgem as tuas fotografias? São criações que trazes contigo ao longo do tempo ou são frutos de acasos?

Em regra, não planeio nada. Não faço ideia do que vou fazer, nem do que vou encontrar. Nem sequer se vou fazer exclusivamente paisagem ou se vou fazer outro género de fotografia. O



Long ago so far away. 08.2021

Pág. seguinte:
Walk it off. 02.2021

que faz com que vá sempre carregada com várias câmeras, objetivas e filmes. A única preparação que faço é consultar as marés e, em função disso, escolho o sítio para onde vou.

Imagina então que está a maré perfeita, na tua zona costeira de eleição. Chegas a tempo de, com calma, fazer o que a tua "veia criativa" te disser. Como fazes?

Enquanto me aproximo do local, observo como está a areia e onde me vou posicionar. Mal chego, monto logo o tripé e começo de imediato a fotografar. Em modo de aquecimento, digamos.

No princípio, estou mais distante da linha de água e, à medida que vou fotografando, vou-me aproximando do mar. Por causa das peugas, essencialmente. Por vezes, faço o mesmo enquadramento a diferentes alturas, ou seja, vou mudando a altura do tripé.

Neste processo, em que estou a fazer uma longa exposição, várias coisas podem acontecer: pego na câmara analógica e faço umas fotografias aproveitando quem lá se encontra; fotografo só o mar, com a máquina na mão; vou observando em redor, para perceber o que vou fazer a seguir. Por vezes, fico simplesmente a ouvir música.

ca. Após uma captação digital, enquanto o processador está a reduzir o ruído, posso também fazer a "mesma" fotografia em analógico.

Tu ouves música enquanto fotografas?

Sim, sempre.

Bom, certamente não sabes, mas eu e o Ricardo (que também escreve nesta revista) temos uma discussão sobre ouvir música enquanto se fotografa que já fez correr muita tinta em vários locais. Acreditas que a música que ouves no terreno influencia a tua produção daquele momento?

Não escolho uma música particular para ouvir enquanto fotografo. A música que ouço, nos auscultadores que sempre levo comigo, é a mesma que escuto todos os dias. E, claro, influencia a minha forma de fotografar, tal como influenciarão todas as experiências da minha vida. A música faz desta forma parte de cada fotografia que produzo.

Respondendo mais diretamente à tua pergunta, não escolho música diferente para ir fotografar e, por isso, as minhas fotografias não são influenciadas pela música como um fator externo àquilo que sou.

Muito bem. Para além dos auscultadores, qual é o teu *setup*? Ou seja, o que tiras normalmente da mochila para fazer uma fotografia?

Simples: câmara, objetiva (na maior parte das vezes uma Zeiss 16mm, nas outras uma Canon 24-105mm), filtros de densidade neutra e cabo disparador.



O que é que nunca te esqueces de garantir que está certo antes de premir o botão do obturador?

Que tirei a tampa da objetiva e que a máquina tem cartão ou filme. Que belas fotografias já fiz sem filme na máquina. [sorrisos]

Não há dúvida que a tua fotografia está carregada de emoção. Seja pelo uso dos contrastes, dos negros puros ou da figura humana, sozinha, dançando no meio da natureza. O que pretendes dizer com a tua fotografia?

Isto parece aquela pergunta do Daniel Oliveira no “Alta Definição”: “O que dizem os teus olhos?” [risos] Na verdade, não penso em histórias quando estou a fotografar. Divirto-me e isso é quanto me basta. Mas sim, procuro muito isolar a figura humana, quer na paisagem natural, quer na urbana. Quando não existem pessoas ao meu redor, sou eu que apareço nas imagens, o que é também uma forma de me exercitar. Em dez segundos tenho de me pôr no lugar certo e isso, às vezes, só acontece à terceira ou quarta vez, quando não à décima. [sorrisos]

Engraçado que fales nos negros puros. É verdade que as minhas fotografias são, na sua maioria, *low-key*, mas o meu propósito é dominar os cinzentos. Os cinzentos, muitas das vezes tidos como aborrecidos, podem também ser prata.

E são, na maior parte, *low-key* por alguma razão especial?

Tento conjugar dois fatores: a tonalidade e a luz. Tento não só, através dos tons, imprimir alguma estabilidade e força à imagem, como também usar a luz para dirigir o olhar do observa-

dor para o ponto de interesse da fotografia. Dessa forma, espero enfatizar as formas e as linhas. De outra perspetiva, também pretendo que permaneça algum mistério na imagem e que não seja tudo demasiado evidente.

E o que é que essa pessoa, isolada, te diz para a trazeres tantas vezes para a tua fotografia?

É o ponto de que fala Kandinsky. É o elemento visual mais básico que vai ressaltar na imagem. É a “única união do silêncio e da palavra”.

É verdade que Kandinsky nos ensinou que tudo pode começar com um ponto, mas também nos disse que as cores fazem com que a alma humana vibre. Porque escolheste tu o preto e branco?

As cores distraem muito.

Compreendo. Podes contar-me a história da tua fotografia favorita?

Esta é uma pergunta difícil, não pela falta de histórias, mas porque nunca tinha pensado sobre qual a minha fotografia preferida. Assim, de repente, talvez a da página anterior, intitulada “*Walk it Off*”, porque foi completamente inesperada.

Tinha acabado de fotografar e estava a arrumar as coisas na mochila. As definições da câmara ainda estavam no modo *bulb* (tinha estado a fazer apenas paisagem e longas exposições) quando, de repente, vejo uma mulher a caminhar à beira-mar. Atrapalhando-me toda a alterar as definições da máquina e a focar, lá consegui fazer a fotografia. Correu bem. As “histórias

por detrás” das minhas fotografias estão maioritariamente ligada a estes acasos e eu ter conseguido captá-los.

Até agora temos estado a falar de fotografias isoladas. Preferes-as às séries, ou seja, a trabalhar com um conjunto de imagens em mente?

Desde o início, sempre procurei fazer séries. Nem sempre com sucesso, tenho de confessar. Por essa razão, houve uma altura que me deixei disso. [sorrisos]

A dado passo, deixei de me preocupar, quer em fazer “a fotografia”, como em fazer conjuntos ou séries. O que sucedeu foi que comecei a arrumar as imagens no momento da edição, ou seja, a agrupá-las em coleções que têm algo em comum.

Tenho, por exemplo, uma série no flickr ([Homage to Cesare Pavese](#)) em que a ideia surgiu depois de as ter feito as fotografias. Quando processei a primeira imagem, lembrei-me de um poema dele e achei que assentava que nem uma luva. Quando olhei para as outras, desse mesmo local, percebi que havia um fio condutor entre elas e surgiu assim a ideia (e uma série). Engraçado é que as restantes fotografias só foram editadas muito tempo depois da primeira. Só me caiu a ficha cerca de dois anos depois da primeira imagem.

Mas há exceções a este processo. Tenho uma máquina analógica *half-frame* e, quando a uso, faço-o com um propósito muito específico: o de contar pequenas histórias em 3 ou 4 *frames*, não mais. E aí sim, a série nasce no momento da criação.

Também fotografas em analógico. O que te moveu nessa direção?

Foi uma coisa que surgiu naturalmente. O analógico tem, para mim, uma grande vantagem sobre o digital: é mais versátil e perdoa mais. Também revelo os negativos e digitalizo-os e essa parte também me entusiasma muito.

A sério? Há quem jure que é exatamente o contrário, que com o digital tens mais margem de manobra...

Verdade! Com o analógico podes correr mais riscos. Os brancos estourados numa fotografia analógica são soberbos. Numa digital, são uma mão cheia de nada. E o mesmo sucede com os pretos. Depois tens filmes que te permitem coisas que no digital seriam impensáveis, designadamente, os filmes experimentais como o WASHI.

Que tipo de luz ou ambiente te faz sair de casa para ir fotografar?

Qualquer um. E também não tenho uma hora favorita. Tenho alturas em que posso ir fotografar e é nessas que vou. Mas ando sempre com uma máquina fotográfica comigo, para diminuir as situações de não ter podido captar uma fotografia que gostava por falta de oportunidade.

E que fotografia é que querias ter feito e não fizeste?

Não sei. Mas é que não sei mesmo...

Já foste distinguida em alguns concursos, quer nacionais, quer internacionais. O que te move a participar em concursos e o que significam essas distinções?

Três palavras: incentivo, validação e reconhecimento.

Estamos mesmo a terminar. Sei que adoras música, já falámos sobre isso nesta entrevista. Se pudesses fazer a fotografia para a capa de um disco, qual seria?

“The Opiates” do Thomas Feiner. Seria uma fotografia com uma figura humana, desfocada, com linhas a convergirem para esse ponto. Mas também podia ser uma qualquer Leonard Cohen: uma dupla exposição com duas figuras que, embora não reconhecíveis, se percebesse que eram um homem e uma mulher.

(sem título) 02.2020



Pode encontrar a fotografia de Aurora na sua página de flickr: <https://www.flickr.com/photos/185448679@N06/>

Aurora.

Portefólio.



Flatlands. 07.2019

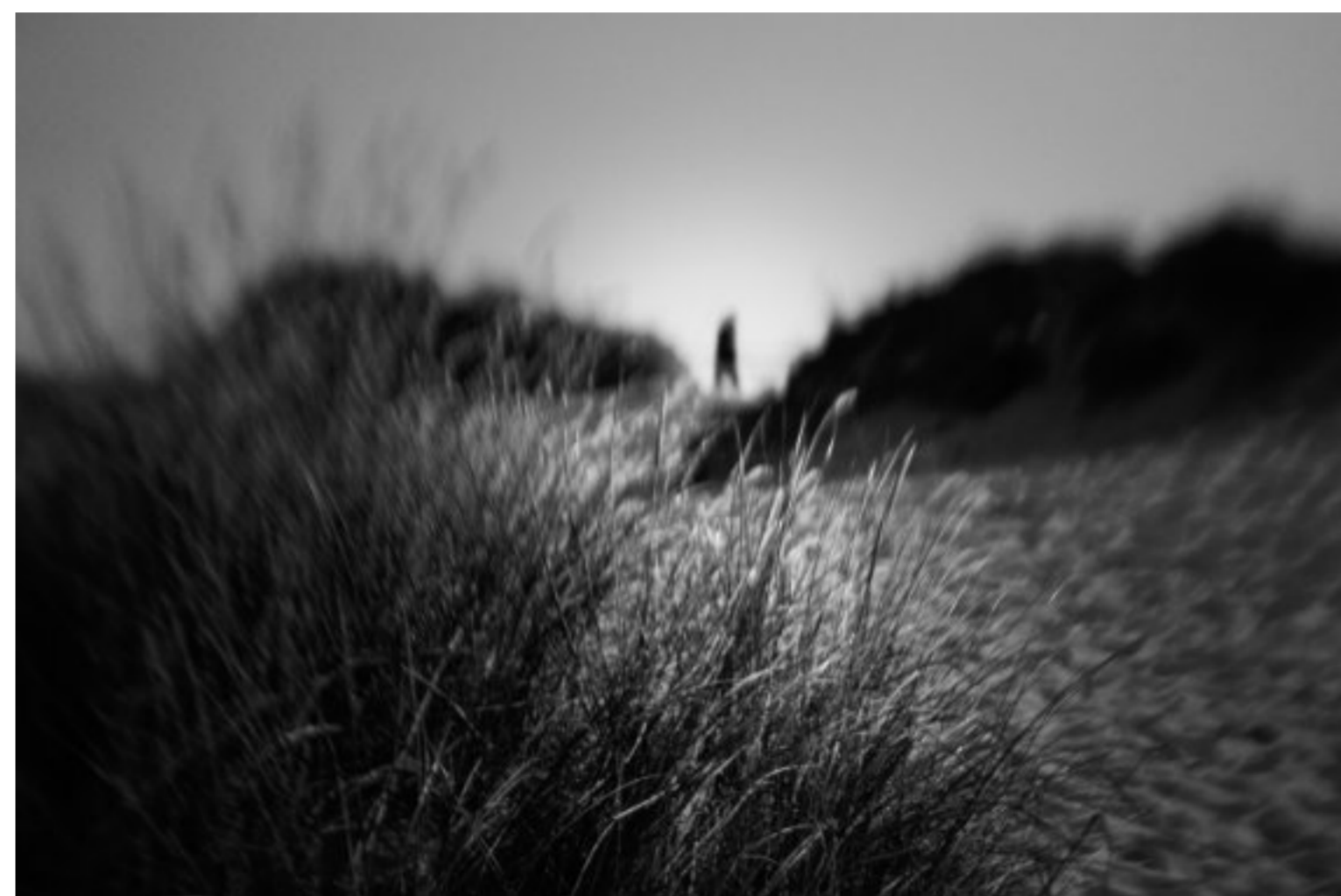




Forever and a year. 06.2021



It's every season. 04.2021



(sem título) 08.2020

Pág. seguinte:
These Days. 09.2020

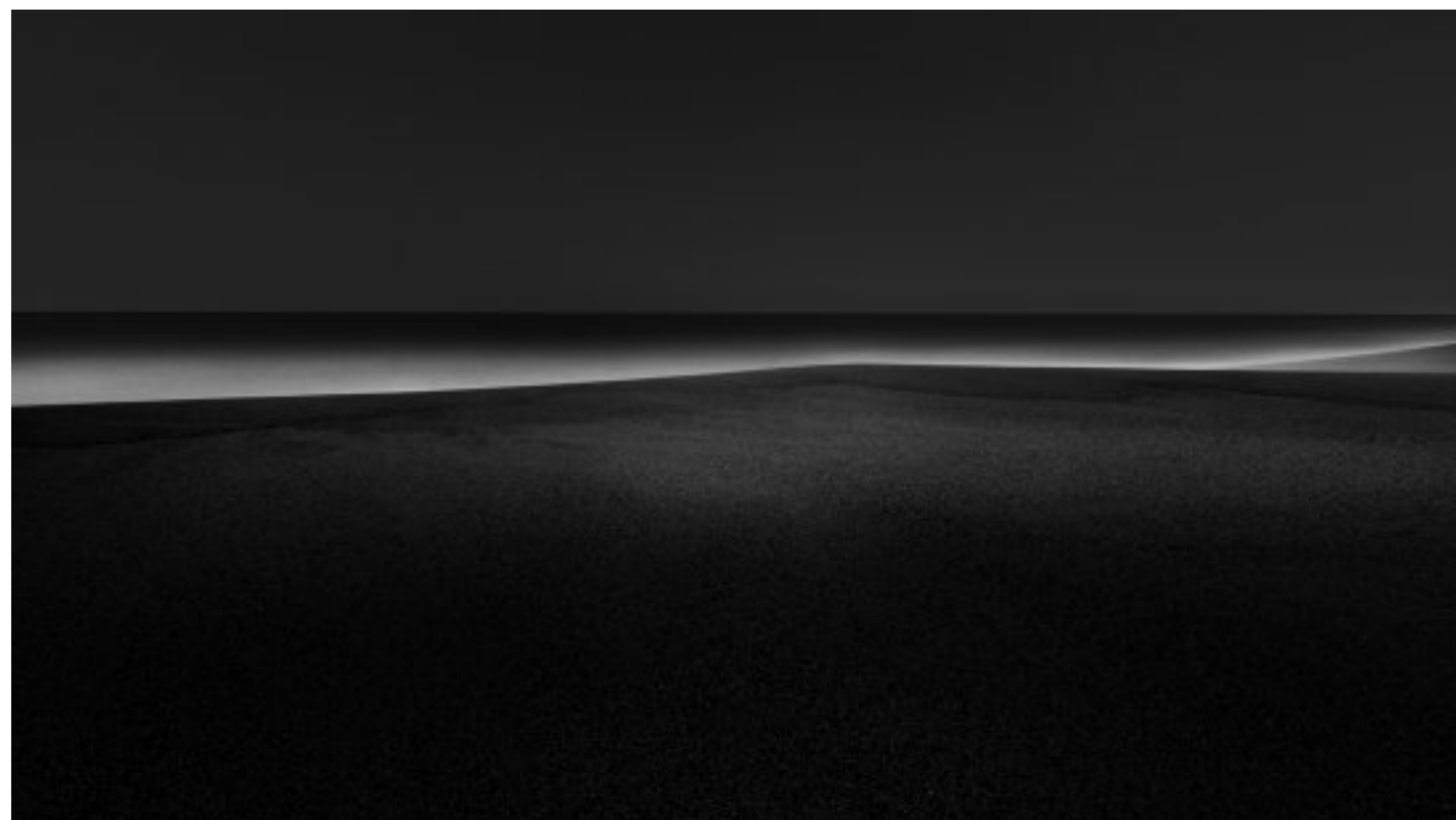




Enter the Void. 04.2021



About Endlessness. 12.2022



Lux Aeterna. 05.2021



This place is a shelter. 04.2020

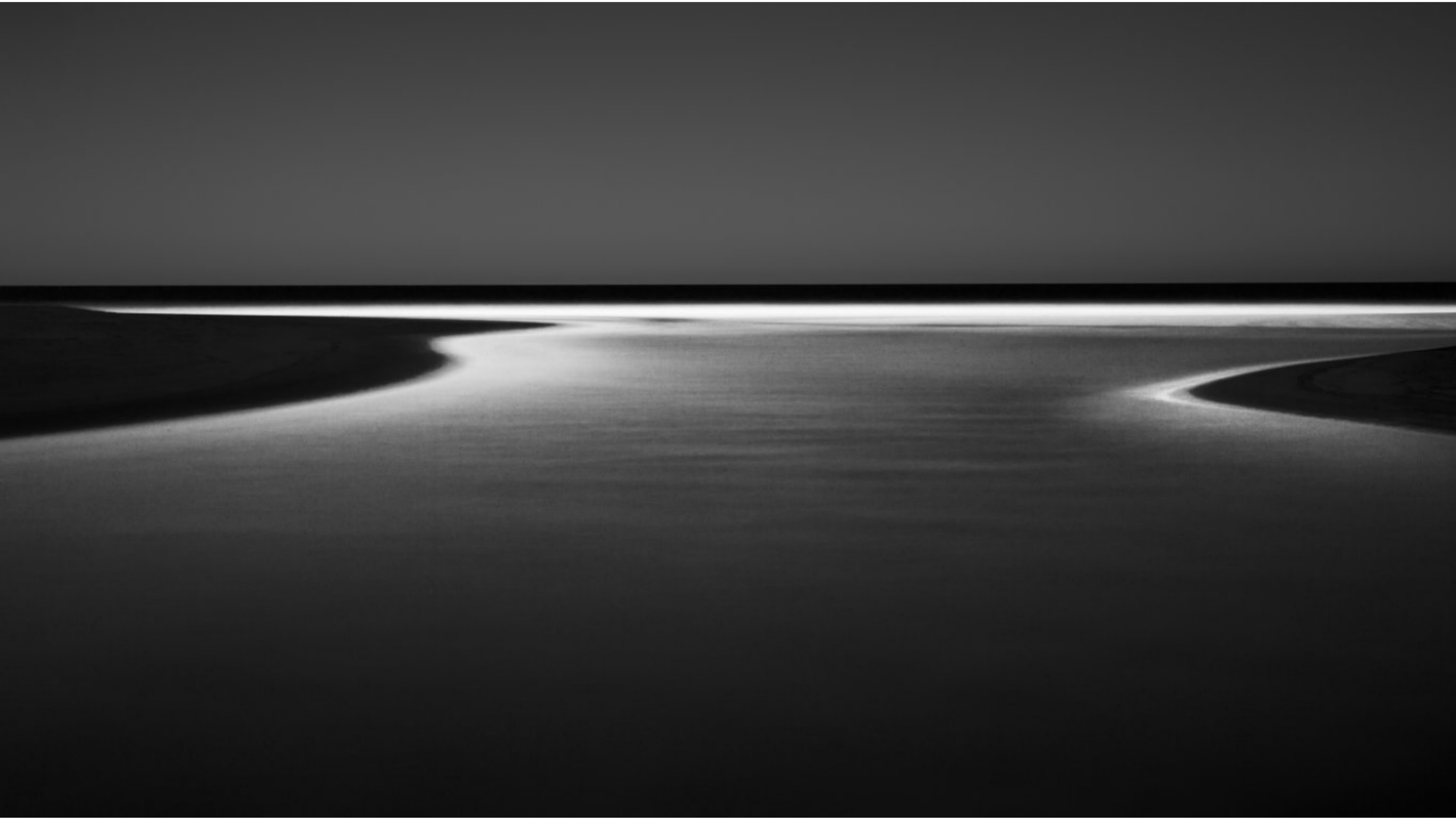


Lost Dreamers. 09.2021



Symphony of a Phantom. 06.2021

Pág. seguinte:
A place aside. 06.2021





There is a saved place. 11.2020



(sem título) 2018



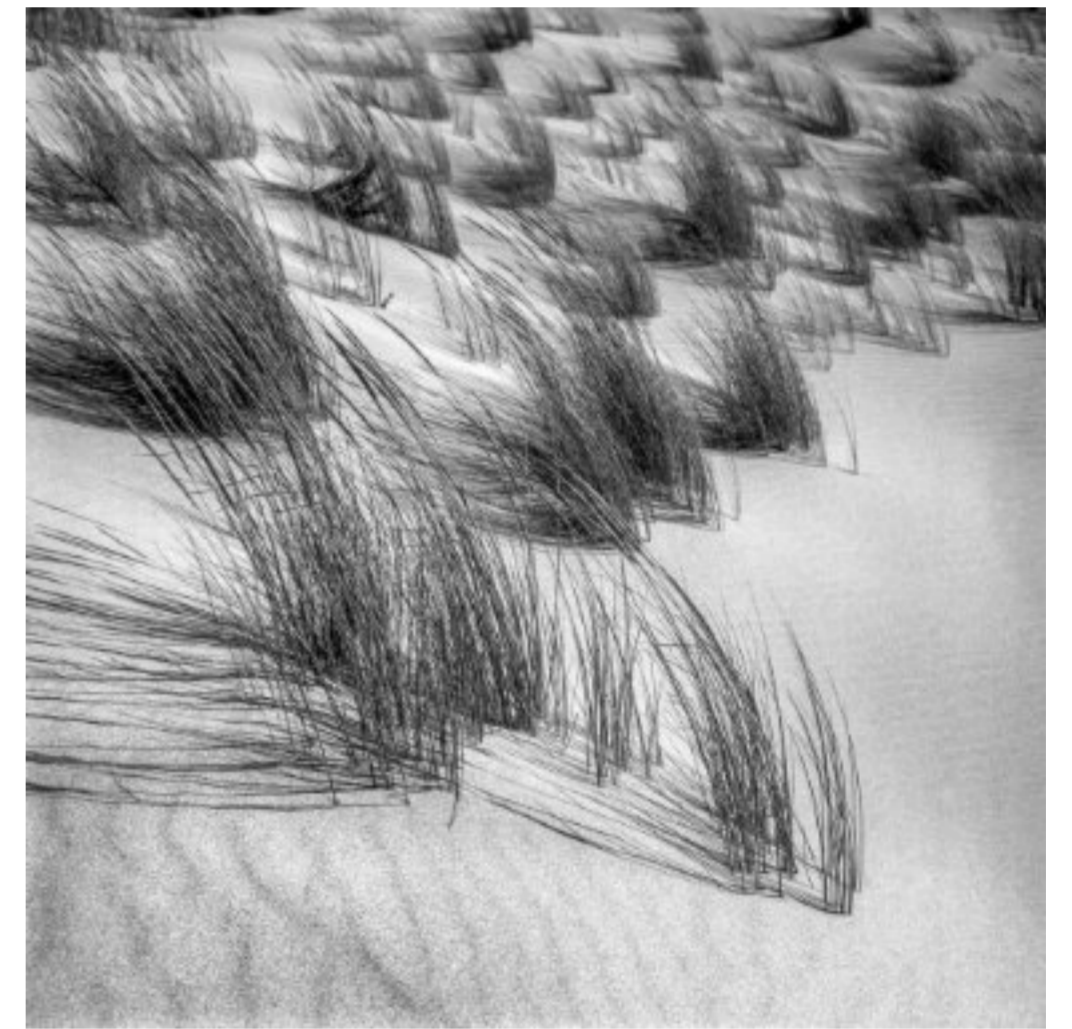
Out on the sea. 09.2018

Pág. seguinte:
Galaxy of Emptiness. 07.2019





(sem título) 2017



(sem título) 2017

Dimensões extras.

Será que tudo o que fotografamos é em 2D, ou será que somos capazes de fotografar em 3D ou até em mais dimensões?

Texto e fotografias por **Carla Francisco**.

Quando acordamos todos os dias, assumindo que temos os cinco sentidos ativos, vemos o mundo físico em 3D, aquilo a que em matemática chamamos de visão tridimensional, ou seja, comprimento, largura e altura. Mas será que não podemos ver e assumir mais dimensões? Para além do que vemos fisicamente, também temos a dimensão temporal – o tempo. E será que este não poderá ser considerada uma quarta dimensão?

Sim, são quatro dimensões, mas, na verdade, é importante esclarecer que estas quatro dimensões às quais me refiro (comprimento, largura, altura e tempo) são características da geometria euclidiana que é usada para descrever objetos físicos tridimensionais que se movem no tempo.

Se pararmos por uns instantes e olharmos para o céu, num dia de nuvens e de vento, é possível observar que, com o passar do tempo, elas se movem e criam uma dimensão espaço-tempo. É aqui que se presenciavam as quatro dimensões. Estas, por seu lado, podem ser registadas não só

pelo nosso olhar, mas também pelas máquinas fotográficas. Ou será que não? Na verdade, o assunto é controverso e, de algum modo, subjetivo, pois nem sempre se regista o que se observa e, em sentido inverso, por vezes, capta-se o que não se vê.

Em termos técnicos, a fotografia permite registar o mundo que nos rodeia e que é tridimensional em apenas duas dimensões. Em termos matemáticos, aquilo que vemos e que assume as usuais coordenadas X, Y e Z, a fotografia transforma em apenas X e Y.

No entanto, o universo, aquele que vemos, não se limita apenas a uma visão 3D, ou 4D, se considerarmos o tempo que, embora visível, não é visível ao mesmo tempo que as dimensões físicas. Teoricamente, existem outras dimensões além das quatro que conhecemos. A teoria das cordas, que é uma teoria da física que propõe que as partículas fundamentais que compõem a matéria e as forças que as governam não são pontos ou partículas pontuais, mas sim objetos

unidimensionais, semelhantes a cordas, que vibram em diferentes frequências, indica-nos que o universo pode ter mais dimensões que as que percebemos no espaço tridimensional em que vivemos.

Nesta teoria, o universo é composto por 10 dimensões espaciais e uma temporal, totalizando as onze dimensões. É claro que estas dimensões extras têm de estar em espaços compactos e em uma escala menor do que as dimensões espaciais que podemos observar diretamente. A teoria das cordas é uma das teorias mais promissoras para unificar a física quântica e a relatividade geral, duas teorias que atualmente parecem incompatíveis.

Assim, podemos dizer que o universo que nos rodeia e que tanto queremos registar, através de uma fotografia, não está apenas limitado a duas, a três ou a quatro dimensões.

Mas será que ao registarmos o que vemos, essas dimensões extras, compactadas, não surgem de

modo impercetível no nosso registo, na nossa imagem? Será que a tecnologia não consegue captar tudo o que esteja para além do visível?

Quando refletimos sobre isto e pensamos para além das dimensões que conseguimos ver e experienciar, nada parece real. Isto remete-nos para um mundo completamente diferente daquele que nos rodeia. E aqui questiono-me: e se tivéssemos a capacidade de ver para além das três dimensões? Como seria essa sensação? E será que a conseguíamos expressar num registo, numa memória estática de uma fotografia?

Esta abordagem parece futurista, porque, de facto, o que conseguimos ver e registar com uma máquina fotográfica é algo tão simples como apenas uma imagem de duas dimensões, ou, quanto muito, algo que promove e desperta ilusões a três dimensões, mas nunca a mais dimensões.

Outro ponto relevante é que mesmo que essas dimensões extras fossem diretamente perceptíveis, o nosso cérebro provavelmente não seria capaz de processar essa informação extra-dimensional de uma maneira útil ou compreensível. Além disso, a sensibilidade ou compreensão varia de ser para ser e isso é o que nos difere e faz com que cada um seja um ser único e livre de poder ver e compreender a realidade à sua volta, de maneira única.

Na fotografia esta temática é comum. Quando fotografamos com mais pessoas no mesmo local, é incrível a variedade de imagens que trazemos e, de facto, quando trocamos opiniões e/ou até imagens, questionamo-nos se todos tivemos no mesmo local. Neste caso há, por certo, a conceção de um mundo não só em três

dimensões, mas na sua plenitude, no seu todo de modo pessoal e único.

Mas a fotografia é isso mesmo, é uma arte, uma ciência com a qual temos a possibilidade de, através de uma prática, registar imagens que vão para além de um registo bidimensional, ou seja, que tem apenas altura e largura. Deste modo e através da fotografia conseguimos criar imagens tridimensionais, que incluem comprimento ou profundidade, por meio de técnicas

próprias como a estereoscopia, fotogrametria ou até a múltipla exposição.

A estereoscopia é uma técnica que usa duas imagens ligeiramente diferentes, tiradas de dois ângulos diferentes, para criar uma imagem tridimensional. A fotogrametria, por outro lado, é uma técnica que usa várias imagens para criar um modelo tridimensional de um objeto ou cenário. E a exposição múltipla pode ser usada de várias maneiras criativas, como sobrepor retra-

Visões. 02.2023



tos e paisagens, criando padrões abstratos ou fundir imagens para criar uma atmosfera única e surreal atribuindo-lhe não só as três dimensões, mas por vezes as quatro que falamos ao longo deste artigo.

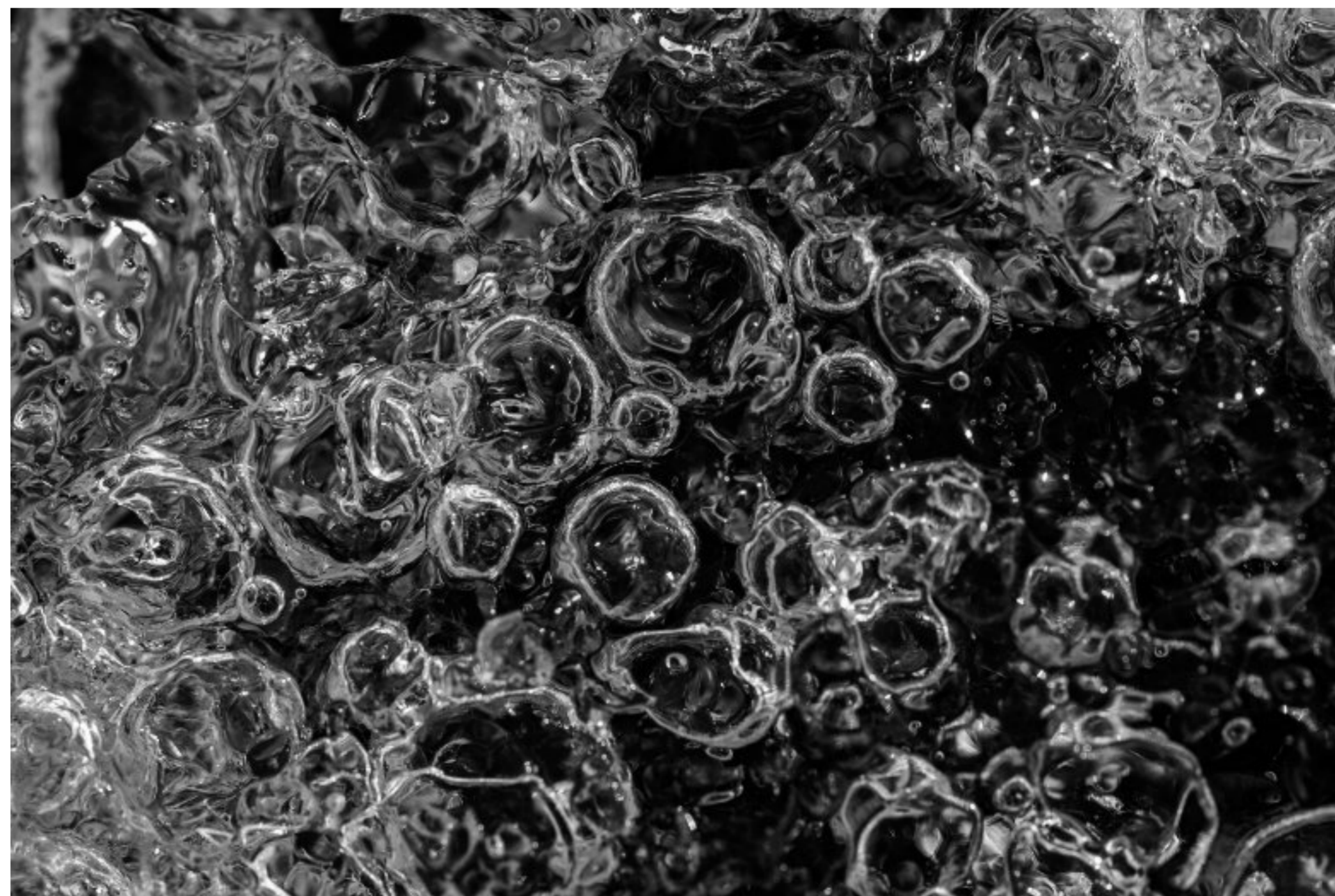
Além disso, a tecnologia avançou muito e hoje é possível criar imagens em 4D usando técnicas como a fotografia de lapso de tempo ou fotografia com máquinas de alta velocidade. A primeira técnica permite a captação de uma sequência de imagens em intervalos sequenciais e regulares ao longo do tempo, e em seguida, a reprodução dessas imagens numa velocidade acelerada de modo a criar uma sensação de movimento. Já a fotografia com máquinas de alta velocidade permite registrar imagens numa taxa de quadros muito alta, o que pode ser usado para registrar eventos em câmara lenta ou na captação de imagens de objetos de movimento rápido.

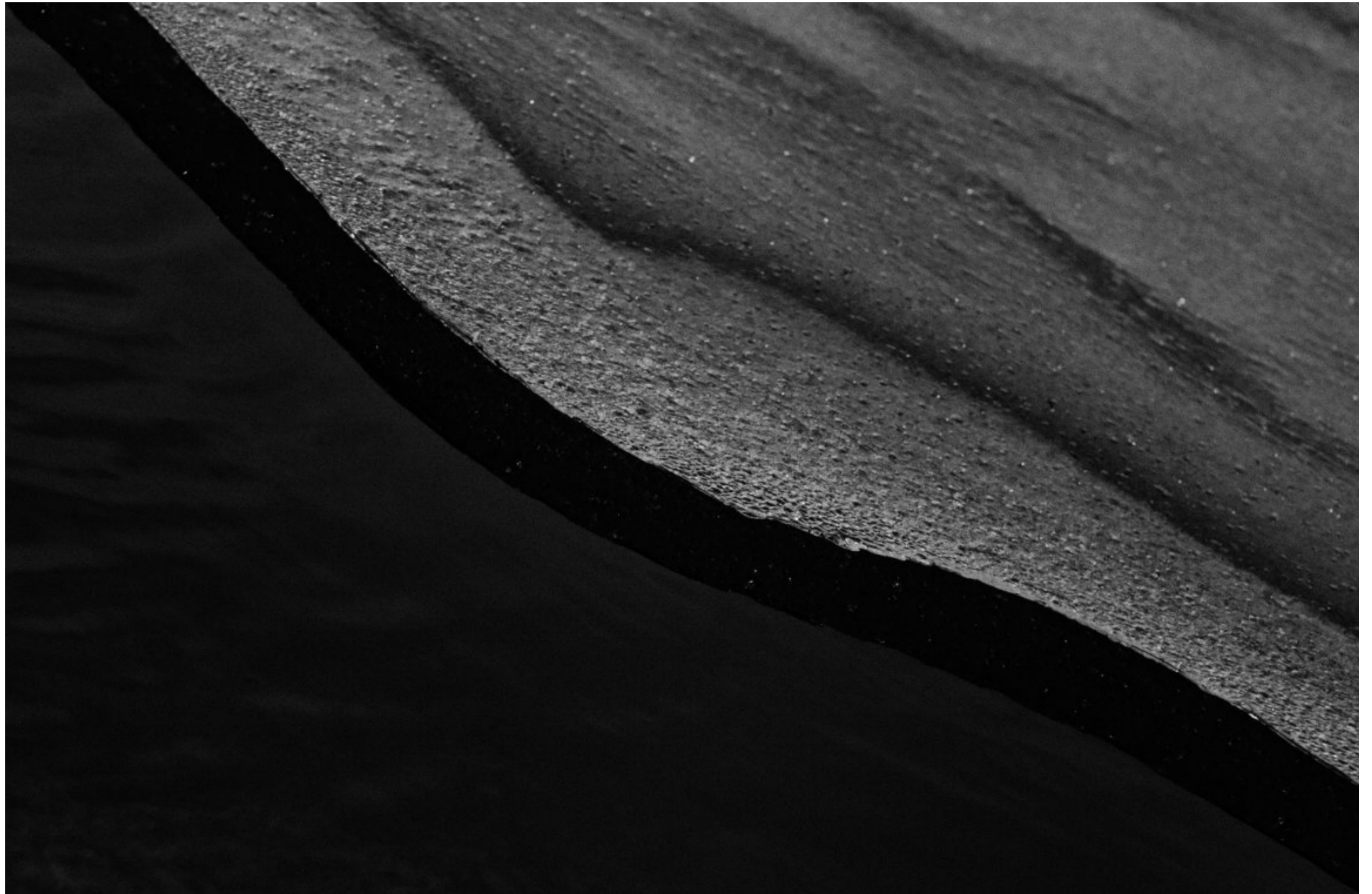
Em suma, a fotografia tradicional que todos fazemos com as nossas máquinas “normais” regista, apenas, imagens bidimensionais: Mas utilizando todas as potencialidades e técnicas avançadas ao nosso dispor, é possível criar imagens tridimensionais e até de quatro dimensões.

O nosso cérebro é incrível, mas também é limitado, estando projetado para processar informações apenas numa determinada estrutura. Assim, a menos que possamos evoluir para ter capacidade de construir máquinas fotográficas, usando tecnologias avançadas, para perceber, sentir e ver dimensões extras, compactadas ou não, não somos, nem seremos, capazes de ver ou fotografar mais do que as três dimensões espaciais. E, mesmo que seja possível incluir a quarta dimensão, o tempo, através de algumas

técnicas fotográficas que nos permitam colocar a imaginação a trabalhar e idealizar essa mesma quarta dimensão, o mais normal é ter e continuar a ter, num futuro, apenas registos bidimensionais ou tridimensionais.

Irregularidades. 02.2023





O Labirinto da Criatividade.

“É de todos conhecidos, porém, que a enorme carga de tradição, hábitos e costumes que ocupa a maior parte do nosso cérebro lastram sem piedade as ideias mais brilhantes e inovadoras de que a parte restante ainda é capaz...” ~ José Saramago

Texto e fotografias por **Nuno Luís**.

No mundo das artes, a criatividade é o processo de expressão individual. É uma habilidade única que, associada à intuição, imaginação e a uma linha de pensamento divergente, conduz o artista no sentido, ou pelo menos na tentativa, de buscar algo singular que emocione e cativem os demais. É o Santo Graal da arte!

Porém, e como um labirinto, a criatividade pode conduzir a becos sem saída e a questões existenciais, exigindo ao artista o experimentar de diferentes abordagens e soluções, até encontrar o ponto de fuga desejado, criando assim uma determinada experiência estética.

Dar corpo e vida ao processo criativo, na busca da inovação, é mais complexo do que parece à

primeira vista. Raramente o acaso é a chave do sucesso. Não existem fórmulas mágicas, em contraponto à ciência assente em princípios factuais. Na arte, o segredo está dentro de cada um.

Todo aquele que produz arte de forma contínua, em algum momento do seu percurso, passou por períodos em que a turbulência da incerteza e da dúvida o tomou de assalto, afetando a sua criatividade e capacidade de expressão artística. Imaginar grandes nomes da arte, como Monet ou Rodin, para citar apenas alguns, a viver, nos seus tempos áureos, uma fase de menor esplendor criativo, é doloroso. Por certo que os tiveram. É o emocional. Na verdade, é o que nos diferencia de um programa de compu-

tador assente num qualquer algoritmo, capaz de gerar arte de forma massiva à distância de um clique, a partir de um conjunto de palavras digitado. Num software não existem questões emocionais.

Esta capacidade, a de gerar arte, intrínseca ao ser humano, pelo menos até ao surgimento da inteligência artificial, não é linear. Pelo contrário, a produção de algo entendido como arte e o próprio processo criativo de cada um está intrinsecamente associado a vários fatores.

As condições emocionais do “Eu” numa determinada fase da vida. As tensões e realidades sociais do tempo e do espaço onde essa arte é produzida e onde o próprio artista está inseri-



A sentinela. Parque Natural Urbasa Andia, Espanha, 2020

do, sem esquecer a sua vida sentimental, têm influência. Como, sem ela, nada se realiza, temos de juntar a paixão. Esse fator que, existindo, tem o condão de mover montanhas; a falta dele conduz a um emaranhado de oscilações emocionais. O céu apenas é tocado quando se abraça algo de forma apaixonada. É o combustível que incendeia o que nos rodeia e que faz enfrentar os medos da própria existência. As borboletas no estômago aparecem quando há paixão por algo.

Há uns anos, algures em 2012, fui invadido por aquilo que classifiquei na época como uma “crise emocional” que se refletia, sobretudo, na minha criatividade fotográfica. Racionalmente, não havia uma explicação para o sucedido. Tinha o equipamento que queria. Dominava a técnica fotográfica. Podia fazer as saídas fotográficas que e onde quisesse. Simplesmente, como no anúncio do chocolate *Ferrero Rocher*, faltava algo. Faltavam igualmente respostas a perguntas pertinentes...

Teria perdido o interesse pela fotografia? O lume da paixão pela fotografia teria ficado demasiado brando? Terei pensado que por dominar meia dúzia de técnicas fotográficas nada mais haveria para aprender e descobrir? Senti na pele a amargura, a frustração e a falta de habilidade em produzir algo que, aos meus olhos, fizesse sentido.

Como qualquer ser humano, rapidamente criei fantasmas. Esses seres omnipresentes que em pouco tempo se agigantaram e com uma força desmedida ganharam asas, levantando o véu da suspeita. Fui impelido a navegar num dos mares mais tenebrosos que existe: o da insegurança. Caí do pedestal onde julgava estar imune

a tudo e a todos.

O segredo está exatamente na força interior de entender as razões e aceitar um momento de menor fulgor, neste caso criativo, sem desespero e encontrar ferramentas que ajudem a ultrapassar estes bloqueios. Todos os labirintos têm uma saída.

A escrita ajuda. Pelo menos a mim. Foi um bom princípio para enfrentar o meu “Eu”. Sem rodeios. Escrevi, à data, tudo aquilo que me poderia estar a afetar. Não é um exercício fácil, mas ao fazê-lo, veio permitir uma análise mais criteriosa dos pontos identificados e, desta forma, dissecar e refletir sobre cada um na procura de respostas. Apenas existe o compromisso, nem sempre fácil, de sermos transparentes connosco mesmos.

Ao escrever num pedaço de papel algumas das minhas preocupações, sobre os motivos que estariam a influenciar esta fase, o primeiro resumia-se a uma pequena palavra composta por quatro letras: foco!

Manter o foco no que se faz é fundamental. Sem me aperceber, andava disperso. Talvez não tivesse uma relação direta, mas a rotina da vida quotidiana do comum dos mortais - artistas incluídos - tem o condão de conduzir a um caminho de facilitismo, marasmo e passividade. Aceitar o adquirido é mais fácil que procurar o desconhecido.

Emoção. Também estava em falta. Não há arte sem emoção. E por fim a paixão. Onde andaria a paixão que sempre nutri pela fotografia? Creio não ter sabido cuidar dela. De manter a chama acesa.

Como um dia Mandela proferiu, “A maior glória em viver não está em jamais cair, mas em nos levantar cada vez que caímos.”.

Após navegar pelo mar da incerteza, tinha chegado o momento de viragem e de me reencontrar com esta velha paixão e, acima de tudo, comigo mesmo. Tomei essa consciência e encontrei refúgio onde menos esperava. Fora do “meu” mundo na fotografia, porém, sem nunca o perder de vista.

Comecei por ler livros e artigos que não estivessem relacionados com fotografia. Em boa hora o fiz. Assim Saramago pôde entrar na minha vida. Nunca esquecerei o fascínio que se apoderou de mim ao ler as primeiras linhas de “Intermitências da Morte”.

Conheci novas pessoas, com interesses completamente antagónicos aos meus. Fiquei a conhecer outros pontos de vista sobre a vida e a própria arte em si. Visitei várias exposições de arte. Fiquei deslumbrado com a obra de Joana Vasconcelos e a sua capacidade criativa.

Nos habituais encontros com amigos da fotografia, procurei desviar os assuntos do tema que nos unia. Afinal, amigos de longa data e pouco sabíamos uns dos outros fora do espectro da fotografia. Belíssimas surpresas se revelaram. Com alguns, a amizade elevou-se a outro patamar.

Revisitei alguns dos locais, outrora visitados na correria de uma saída fotográfica. Atrevi-me a que muitos desses reencontros fossem sem a companhia da máquina fotográfica.

Pude, na praia da Ursa, finalmente sentir a bra-

vura do Atlântico em mim. Ousei mergulhar nas suas águas. Na costa alentejana, conversei horas a fio com pescadores que se cruzavam no meu caminho durante as caminhadas pela orla costeira com histórias únicas das suas vivências e experiências por aquelas terras de mar bravio.

Na Estrela, aquela que dá nome à Serra, senti finalmente o seu frio gélido a atravessar-me o corpo. Aprendi a contemplar. Aprendi a saborear os momentos.

Todas estas pequenas mudanças, em conjunto, permitiram o reformular de conceitos que tinha enraizados em mim. Absorvi todo esse novo mundo em meu redor. O reerguer foi lento, mas sólido e em crescendo. Como que uma redescoberta. Uma segunda oportunidade perante a arte. Voltei a sentir a adrenalina de querer fotografar. O nervoso miudinho, aquele que apenas nós – fotógrafos – sentimos, voltou a ecoar em mim. A emoção e a paixão em fotografar regressaram. A partir desse momento, a criatividade voltou a fluir. Regressou, na surdina, com a mesma naturalidade que um dia partiu. O mundo visto através da minha máquina fotográfica voltou a fazer sentido.

E o caro leitor, tem estimulado a sua criatividade ultimamente?

Pinceladas de fim de Outono. Serra da Estrela, 2023

Pág. seguinte:

Dancing Queen. Serra da Estrela, 2011





Retrato do desconhecido.

Gosto de alimentar a ideia de que o mistério é a base da minha fotografia artística. Guardo, por isso, o campo da informação sobre o que é fotografável para o mundo da fotografia documental. Quando fotografo prefiro gerar perguntas e não respostas. As perguntas criam tensão e as respostas concluem o que quero que se mantenha infinito.

Texto e fotografias por **Ricardo Salvo**.

Ter uma consciência absoluta daquilo que estamos a fotografar é mesmo importante no campo da fotografia puramente artística? Não bastará sabermos que à nossa frente está apenas um estímulo visual que nos “ativou” as emoções para a intenção de criar a fotografia? Depois de sermos estimulados por algo diante dos nossos olhos, qual a influência do conhecimento sobre o que estamos a ver para a fotografia que estamos na iminência de fazer? Por exemplo, se uma flor, uma planta, uma pedra ou um animal é protagonista da fotografia que vamos criar porque visualmente – apenas visualmente – nos despertou o interesse, saber exatamente de que espécie é, qual a sua origem ou outros elementos científicos vai ter impacto no resultado? Terá, certamente, mas essa aquisição de conhecimento pode não estar necessariamente alinhada com o fim artístico ao qual queremos chegar. Obviamente que quando entramos no mundo da fotografia documental já não o posso afirmar desta forma, mas, repito, estas linhas que escrevo são sobre a fotografia artística. E na fotogra-

fia artística sinto que o mistério e o não óbvio é o que efetivamente mexe com os nossos sentidos. Sinto que se na fotografia artística se responder às perguntas que a imagem suscita o mistério acaba. E se assim é no produto final para quem vê a fotografia, também para o fotógrafo, quando fotografa, esse mistério, esse desconhecimento sobre o que está a ser fotografado, cria a tensão necessária para levar esse processo de falta de respostas do princípio até ao fim.

Lembro-me frequentemente de uma experiência curiosíssima sobre a qual li há uns anos na qual participavam seis excelentes fotógrafos de retrato e apenas uma pessoa para ser retratada. A cada fotógrafo foi passado apenas o nome da pessoa a fotografar, Michael, e perfis com base em factos inventados. Por exemplo, para um Michael era um milionário bem resolvido na vida e para outro Michael era um ex-recluso com uma história carregada de pontos negativos. Para os restantes Michael era médico para

um, pescador para outro, ex-alcoólico para outro e finalmente um herói que tinha salvo a vida a alguém para o último. A todos os fotógrafos foram dados os mesmos recursos e o mesmo estúdio. O resultado foi que quando foram apresentados os trabalhos finais dos seis fotógrafos Michael ficou a parecer precisamente seis pessoas diferentes. Embora possa a comparação rasar o exagero, eu não consigo dissociar este caso da forma de fazer fotografia artística, até porque eu coloco a fotografia de retrato no campo da arte em que o mistério é fundamental.

Sempre que sou motivado a falar sobre fotografias minhas perante uma audiência, a essência da informação sobre o que nelas está é um elemento que me perturba enquanto dado útil para o público. E não guardo para mim estas questões que me coloco sobre a importância de saber tudo sobre o que fotografo, porque discuto recorrentemente o tema com quem se oferece como interlocutor interessado. Dito isto,



A manipulação das emoções durante o ato de fotografar permite imprimir na fotografia um pouco mais do imaginário do fotógrafo, afastando-a ainda mais da realidade.

sempre que me vejo na incumbência de apresentar uma fotografia da minha autoria tenho uma grande dificuldade em criar conteúdo verbal que a defenda, porque, na verdade, quero que apreciem visualmente uma fotografia minha sem que seja necessário ter sobre ela algo a dizer. Por isso acho sempre interessante ver a reação de quem olha para uma fotografia minha e à pergunta “Isto é o quê?”, referindo-se ao que nela estará fotografado, a minha resposta é “Não faço a mínima ideia”. Faço fotografia, não faço colecionismo do que nela se retrata, por isso é-me teoricamente indiferente. Aliás – e na consciência de que poderei despertar irritabilidade junto de quem agora me lê – por vezes acho mesmo que o simples conhecimento sobre o que se fotografa pode criar um viés indesejável na nossa forma de ver, tal como na experiência dos seis fotógrafos. O mar é o mar, uma rocha é uma rocha, uma árvore é uma árvore e uma ave é uma ave, e enquanto fotógrafo isso para mim basta. É verdade que tenho empreendido num estudo para, de uma vez por todas, olhar para uma árvore e saber o que é um carvalho, uma bétula ou um ulmeiro, e em que regiões se dão, mas isso – juro – nada tem a ver com a fotografia. Assim como foi com a fotografia noturna que criei interesse em saber mais sobre astronomia e constelações e agora perdi boa parte do interesse em fotografar o céu estrelado.

Compreendo que, por exemplo, numa apresentação de fotografia de vida selvagem os autores apontem o discurso de defesa das imagens para o quão difícil é fotografar o animal representado e que conseqüentemente sejamos bafejados enquanto público com uma pequena aula de biologia que infelizmente não me cativa. É legíti-

mo, estamos no campo da fotografia documental que, como tal, tem de ser informativa, e se for artística temos um 2 em 1. Como nunca fui dado às ciências que mexem com fauna e flora, nesses eventos costumo fazer o exercício de me abstrair sobre o que está a ser dito sobre a fotografia para me focar unicamente no seu aspeto visual (e é precisamente nestes festivais que conseguimos ver fotografias absolutamente deslumbrantes e, felizmente, muitas delas de fotógrafos portugueses).

Na fotografia artística, a que mais me atrai enquanto pretendo criador e apreciador, sinto que o fenómeno é precisamente ao contrário, e por isso quando me fazem falar sobre uma fotografia minha tenho de fazer algum malabarismo intelectual para ir além do “Isto é uma fotografia minha, que me deu gozo fazer e cujo resultado gostei, e por isso aqui está para vocês verem também”. E sinto que se for pelo caminho de explicar o que está na fotografia, contar como foi feita, qual o método utilizado, estou a levar a audiência/interlocutores para outros caminhos que não são os que respondem ao objetivo de ter feito a fotografia.

Quero eu dizer que quando vou fotografar quero estar numa bolha de emoções intocáveis pelo mundo que me rodeia? Nada disso. Antes pelo contrário, por vezes até manipulo as minhas emoções para ver as coisas de formas diferentes. Este é certamente um tema ao qual voltarei nestas páginas, mas para mim faz parte do processo moldar sempre que me apetece a minha perceção, o que geralmente faço através de música que, com um objetivo específico, ouço enquanto estou com a câmara na mão. Até porque isso de emoção pura não existe: olhem duas vezes para a mesma coisa e duas coisas di-

ferentes verão, e assim quero que continue a sê-lo. Por isso prefiro fantasiar sobre o objeto em vez de o conhecer, porque assim verei sempre coisas diferentes e crio o meu mundo infinito.

A fotografia cria uma oportunidade de criar um mundo paralelo e de fantasia a partir de algo efetivamente real.





Um mero estímulo visual pode perfeitamente ser mais do que suficiente para motivar uma criação fotográfica.



Uma fotografia que cria tensão, que gera mais perguntas sem resposta, é uma fotografia infinita, que nunca acaba.

Açores, sombras de azul.

Ensaio.



Açores, sombras de azul.

“Conhecer é a chave para cuidar, e com cuidar existe a esperança de que as pessoas serão motivadas a tomar acções positivas. Podem não se importar mesmo que saibam, mas não se podem importar se não estiverem cientes” ~ Sylvia Earle (“The World Is Blue: How Our Fate and the Ocean’s Are One”, 2010)

Texto e fotografias por **Nuno Vasco Rodrigues**.

No meio do Atlântico, fenómenos vulcanológicos datando milhões de anos deram origem a um complexo de montanhas submersas, algumas delas erguendo-se acima do nível da água (as nove ilhas dos Açores). A envolvente submersa destas estruturas é casa de uma biodiversidade rica e única, que urge ser preservada. Essa preservação vai-se fazendo, ainda que de um modo tímido e incipiente, prevalecendo uma tendência crescente de perda de biodiversidade a nível global.

Importa fazer mais, importa sermos mais!

Nesta jornada de ‘luta’ contra o empobrecimento biológico global, é crítico aumentarmos o conhecimento acerca dos habitats e das espécies que nos rodeiam, entendendo as ameaças que enfrentam. Este aumento de conhecimento é o primeiro passo para a sua conservação, uma vez que só conservamos o que conhecemos.

Quanto ao autor, este escolheu como ‘arma’ a sua câmara, assumindo como missão não apenas saber mais sobre esta biodiversidade, mas, acima de tudo, dá-la a conhecer ao mundo, através da fotografia. Fotografias com história,

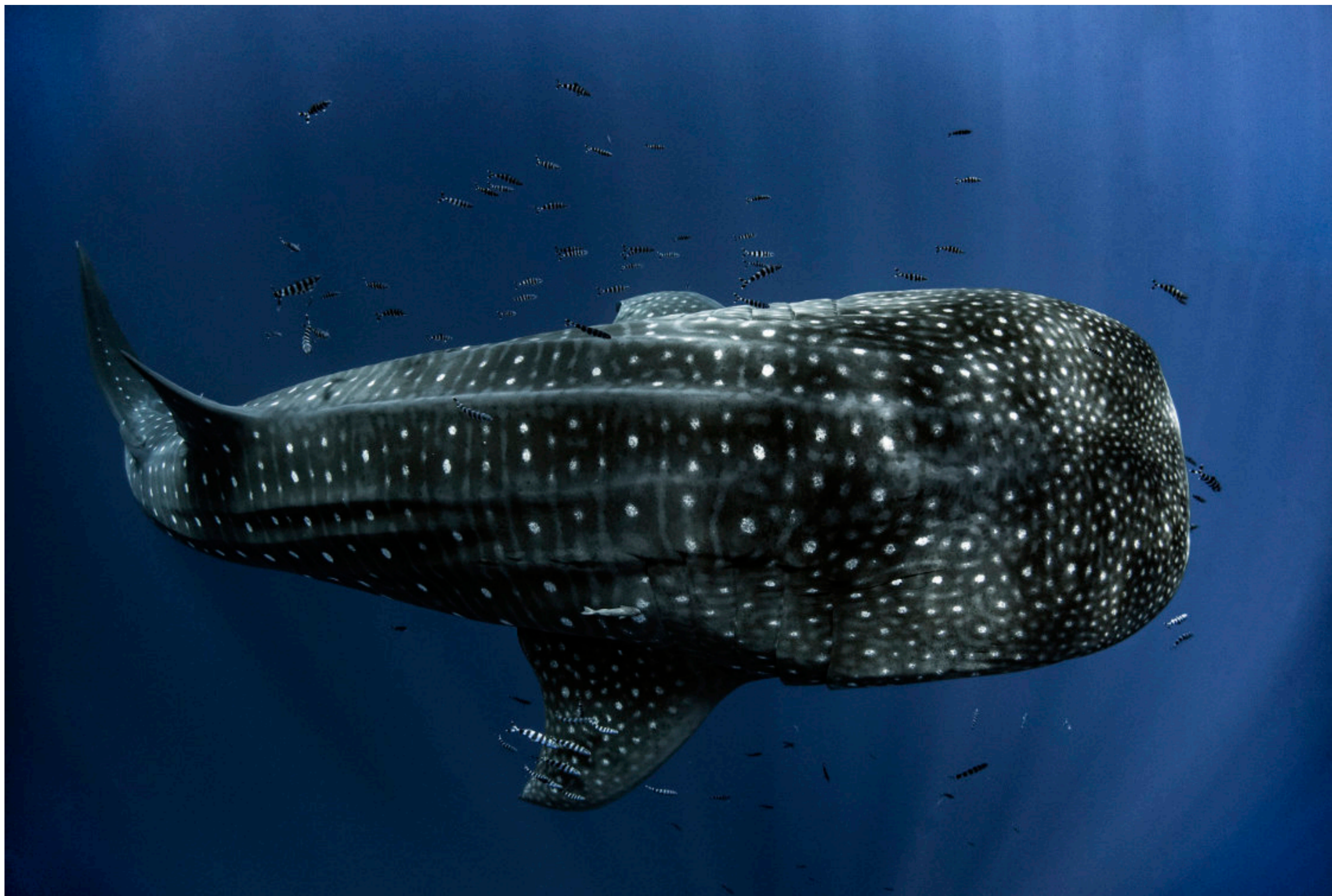
que nos falam acerca de um comportamento peculiar, de uma forma de vida fascinante ou de uma ameaça que determinada espécie enfrenta.



Dois tubarões azuis cruzam as águas claras de superfície ao largo da ilha do Faial. Esta espécie desempenha um papel importante na economia das ilhas açorianas, uma vez que atrai mergulhadores de todo o mundo.



Uma tartaruga-comum juvenil descansa à superfície da água a sul da ilha do Pico. Estes animais nascem nas praias da Flórida, migrando de imediato para o Atlântico Este, onde se fixam e vivem grande parte da vida antes de voltarem ao local de nascimento já em adultos.



O maior peixe do oceano, o tubarão-baleia, é ocasionalmente visto nos meses de verão, na ilha de Santa Maria. Os pescadores locais há muito sabiam da presença destes animais na ilha, onde são conhecidos como “pintados”.



A jamanta-chilena é um animal que ocorre nos Açores nos meses de verão, tipicamente junto a montes submarinos. Apesar de atingir um tamanho considerável, o seu estilo de vida oceânico faz com que os cientistas ainda pouco saibam sobre a sua ecologia funcional.



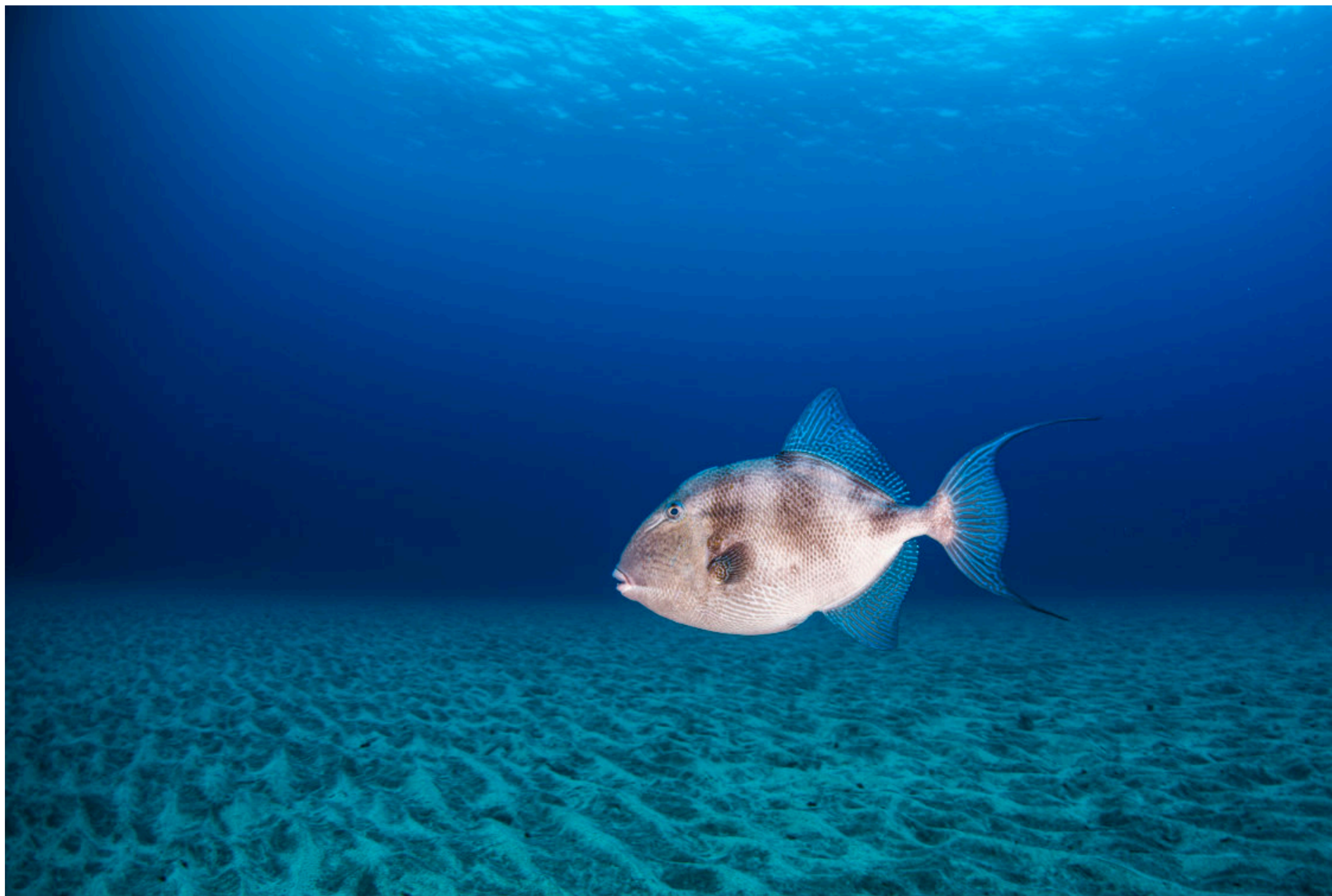
A caça à baleia foi, durante muito anos, um pilar da economia dos Açores. A sua proibição, em 1986, fez surgir uma nova atividade que hoje em dia tem, também, uma enorme relevância económico-social na região, a observação de baleias. E os resultados da proteção destes animais começam a dar os seus frutos.



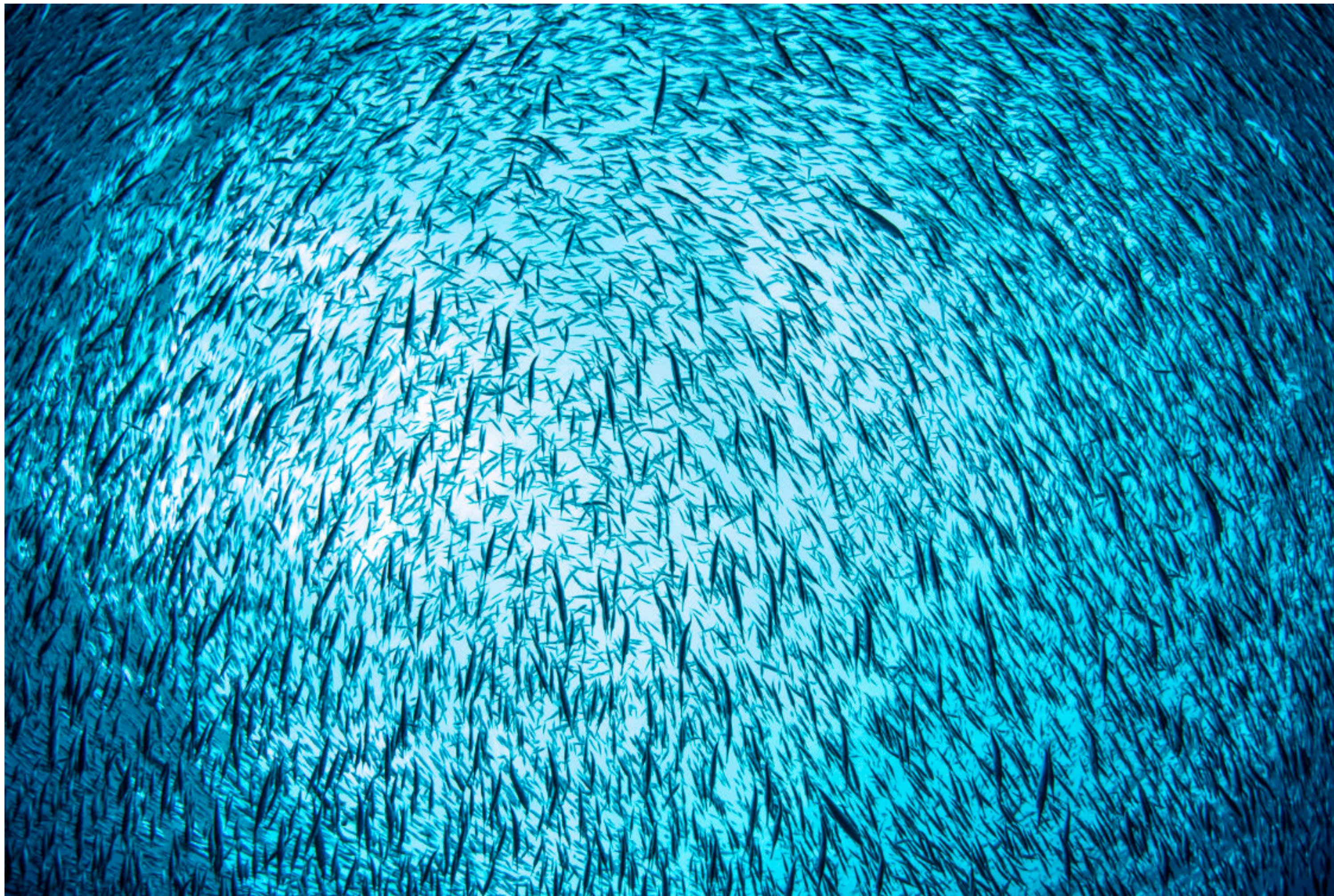
A Caravela-portuguesa é, na verdade, uma colónia de organismos que trabalham em conjunto. O seu nome popular deriva da bolsa cheia de gás que se mantém acima da superfície da água, fazendo lembrar a embarcação típica do tempo dos descobrimentos portugueses a navegar.



Um tubarão azul nada perto da superfície da água ao largo da ilha do Faial. Nesta região, estes animais são protegidos em águas costeiras e é reconhecido o papel vital que desempenham no equilíbrio do oceano.



A pesca desempenha um papel fundamental para as comunidades em todo o mundo, mas a sobrepesca é provavelmente a maior ameaça para o Oceano atualmente. Esta situação ocorre quando a extração da vida marinha ocorre a taxas que impedem as espécies pescadas de deixar descendentes em número semelhante.



Um grande cardume de trombeteiros cruza as águas azuis superficiais a sul da ilha do Pico. Esta espécie, que ocorre sobretudo durante os meses de Verão nesta região, é a presa favorita de muitos animais oceânicos de grande porte como atuns, golfinhos, tubarões e baleias.

Bosque Encantado.

Encosta de São Lourenço, 2021

Texto e fotografia por **Miguel Serra**.



Nesta edição, conto-vos a história de uma fotografia registada no dia 10 de abril de 2021, na encosta de São Lourenço, em Manteigas. Uma paragem sobejamente conhecida e percorrida, principalmente, na estação outonal, vulgarmente conhecida por Faias de São Lourenço.

Naquela manhã de Primavera incipiente, foi deslumbrante caminhar pelo bosque das faias. Depois de um amanhecer carregado de nuvens e chuva fraca, era altura de trilhar caminho, entre um manto sumptuoso de neblinas que deambulavam nas encostas sobranceiras à vila de Manteigas.

Prometia ser uma jornada extraordinariamente bela e revigorante. À medida que subia a encosta, o local tomava conta de mim, perante tamanha beleza. A névoa densa, o verde luxuriante e a luz difusa eram a simbiose perfeita!

Os registos fotográficos sucediam-se entre os pseudotsugas majestosos e as faias esbeltas, estas num cativante início de ciclo de vida. A

ambiência daquele momento primaveril, facilmente conduzia a minha imaginação para o cenário cinematográfico mais idílico de Hollywood.

Gradualmente, a precipitação aumentava de intensidade. Num último fôlego, procurava manter o foco na interpretação pessoal e intimista da paisagem.

Uma manhã solitária, contrastante com a azáfama que aquele lugar está sujeito no auge do Outono. É desta forma que gosto de abordar os locais. Fora da altura de maior pressão, mas onde o interesse fotográfico se mantém, aliado às condições atmosféricas.

Um registo que fica associado também ao facto de que as maiores oportunidades fotográficas surgem onde vivemos, pois é aí que temos à partida a maior disponibilidade para fotografar e exercer as opções mais assertivas.

Esta imagem – e outras também desta manhã – integra a série fotográfica “Spring fog” (“Nevoeiro de Primavera”).

Composição

Os três troncos, alinhados verticalmente sobre terço à direita, são a chave desta cena, aliados aos ramos de folhagem juvenil das faias que adornam e complementam a composição.

Importante destacar o papel dos ramos que rasgam a imagem no sentido horizontal e conferem o equilíbrio necessário, bem como o conjunto de folhas no canto superior direito.

Num segundo plano, as faias que se perdem na

bruma, elevam a imaginação para o restante bosque encantado, seja qual for a estação do ano.

Dicas

Nesta abordagem, destaco a neblina e, subsequentemente, a luz difusa. O nevoeiro é um ótimo elemento natural que auxilia o fotógrafo a separar os sujeitos e a tornar a paisagem misteriosa. A luz ténue reduz o contraste entre as zonas de altas luzes e as próprias sombras.

Tendo em conta o bom desempenho da maioria dos atuais equipamentos fotográficos, nomeadamente ao nível de estabilização da imagem, o tripé é cada vez menos essencial neste tipo de fotografia. A imaginação torna-se ágil e o ritmo da composição solta-se dessa amarra, tonando-se por certo mais criativa.

Relativamente ao tempo de exposição, deve-se ter em conta uma velocidade do obturador suficientemente rápida, de forma a congelar o movimento dos ramos e das folhas das árvores.

Para além das condições naturais e da técnica fotográfica, a interpretação pessoal da paisagem será sempre o melhor desígnio. O fotógrafo deve ser genuíno, obviamente influenciado por diferentes circunstâncias e manifestações.

Processamento

Como já admiti na minha primeira participação nesta rubrica, a fase do processamento nunca me ocupa muito tempo. Embora considere que seja um complemento ao processo criativo e fulcral para o resultado final, procuro sempre dar-lhe a maior atenção, mas sem despender largos

minutos, nunca ultrapassando meia hora em média por fotografia.

Relativamente ao ficheiro original de captação da imagem, optei por fazer alguns procedimentos elementares de edição, aumentando em um *stop* a exposição, acrescentando contraste e textura para atribuir dinamismo, e, por último, ampliando a vibração e saturação.

Depois de cada saída fotográfica, procuro, ainda nesse dia ou imediatamente a seguir, visualizar os ficheiros e começar o processamento das imagens selecionadas, dando assim continuidade ao sentimento vivido no terreno. Contudo, na maioria das vezes, a edição final nunca surge logo nesse momento, pois prefiro esperar alguns dias para contemplar, de uma forma desapegada, a fotografia em diferentes dispositivos e até em distintos estados emocionais.

Pág. anterior e seguinte:
Fujifilm X-T4
XF 16-55mm F2.8 R LM WR
1/100s a f/6.4, ISO 400, 50mm
Sem tripé.



Luz ao Fundo do Túnel.

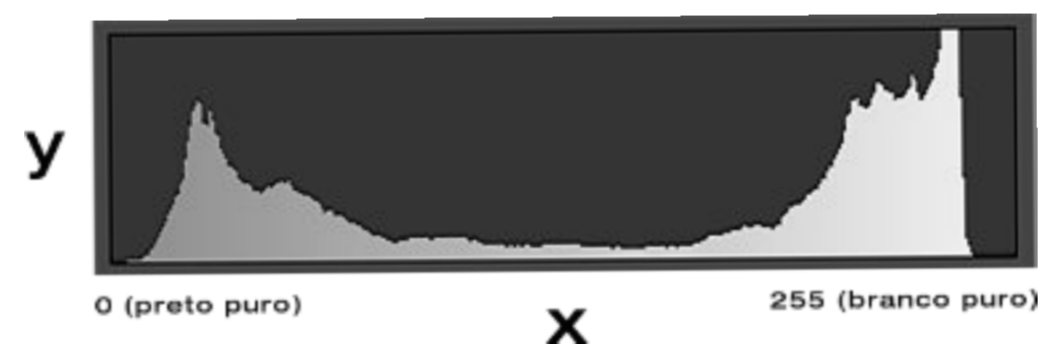
Luz ao Fundo do Túnel.

Texto e fotografias por **Mário Cunha**.

No último número da revista Perspetiva falámos da temperatura de cor e de como esta afecta a carga emocional das nossas fotografias sendo, portanto, na minha opinião, uma decisão que devemos tomar de forma consciente. Referi também que este aspeto não era o único responsável pela carga emocional de uma fotografia. O brilho de uma fotografia é outro fator muito importante do qual vou falar neste artigo. Por exemplo, numa fotografia a preto e branco a cor desaparece e o brilho e o contraste passam a ter uma importância ímpar. Daqui em diante, vou usar a palavra luminosidade em vez de brilho, pois penso que transmite melhor a sensação de luz e energia que irei abordar.

Se antes fomos do frio ao quente, desta vez pensem que estão num túnel onde conseguem avistar uma luz ao fundo; agora, só precisam de decidir onde se querem situar nesse túnel. É fácil imaginar o que grande parte de nós iria sentir, dependendo do local onde nos encontramos nesse túnel, correto? Quanto mais escuro, maior o desconforto e, ao invés, quanto maior a luminosidade, maior o conforto e energia. Lembrem-se que esta é a minha interpretação e a forma como vejo o meu trabalho, a vossa pode-

rá ser diferente. Estes artigos são apenas uma maneira de vos mostrar diferentes formas de ver e sentir a natureza que nos rodeia e fazer com que experimentem e descubram a melhor forma de o expressarem através das vossas fotografias.



Esquema 1: Histograma

Hoje em dia, é muito fácil verificar e ajustar a luminosidade de uma fotografia no terreno utilizando o histograma. O histograma é um gráfico que informa sobre a distribuição da luminosidade da imagem. Como podemos ver no esquema 1, o gráfico possui os eixos “x” e “y”, em que o eixo “x” representa o valor de luminosidade, que pode ir de 0 (preto puro) a 255 (branco puro), e o eixo “y” que mostra a quantidade

de píxeis presente na imagem para um determinado valor de luminosidade. Desta forma, quando num histograma temos mais píxeis do lado direito, onde estão representados valores de luminosidade superiores, estamos perante uma fotografia com mais luz e, potencialmente, mais energética e alegre (Imagem 1). Pelo contrário, se tivermos mais píxeis do lado esquerdo será uma imagem mais escura que pode ser mais triste e soturna (Imagem 2). Não utilizei os termos sobre-exposta ou sub-exposta porque não acho que são os melhores nesta situação, já que estão a julgar a nossa decisão à partida. Em vez disso, prefiro que pensem que está exposta de acordo com a nossa preferência, apenas isso. Há também a possibilidade de termos grandes áreas da imagem com muita luminosidade e outras com sombras profundas, ou seja, um grande contraste. Nesta última, e à semelhança do que vimos com o equilíbrio de brancos (EB) pode, na minha opinião, existir uma transição, quer de luminosidade, quer emocional, dentro da mesma fotografia (Imagem 3).

Está, portanto, sobre o nosso controlo a quantidade de luz que chega ao sensor da câmara e, como já percebemos, há potencialmente uma

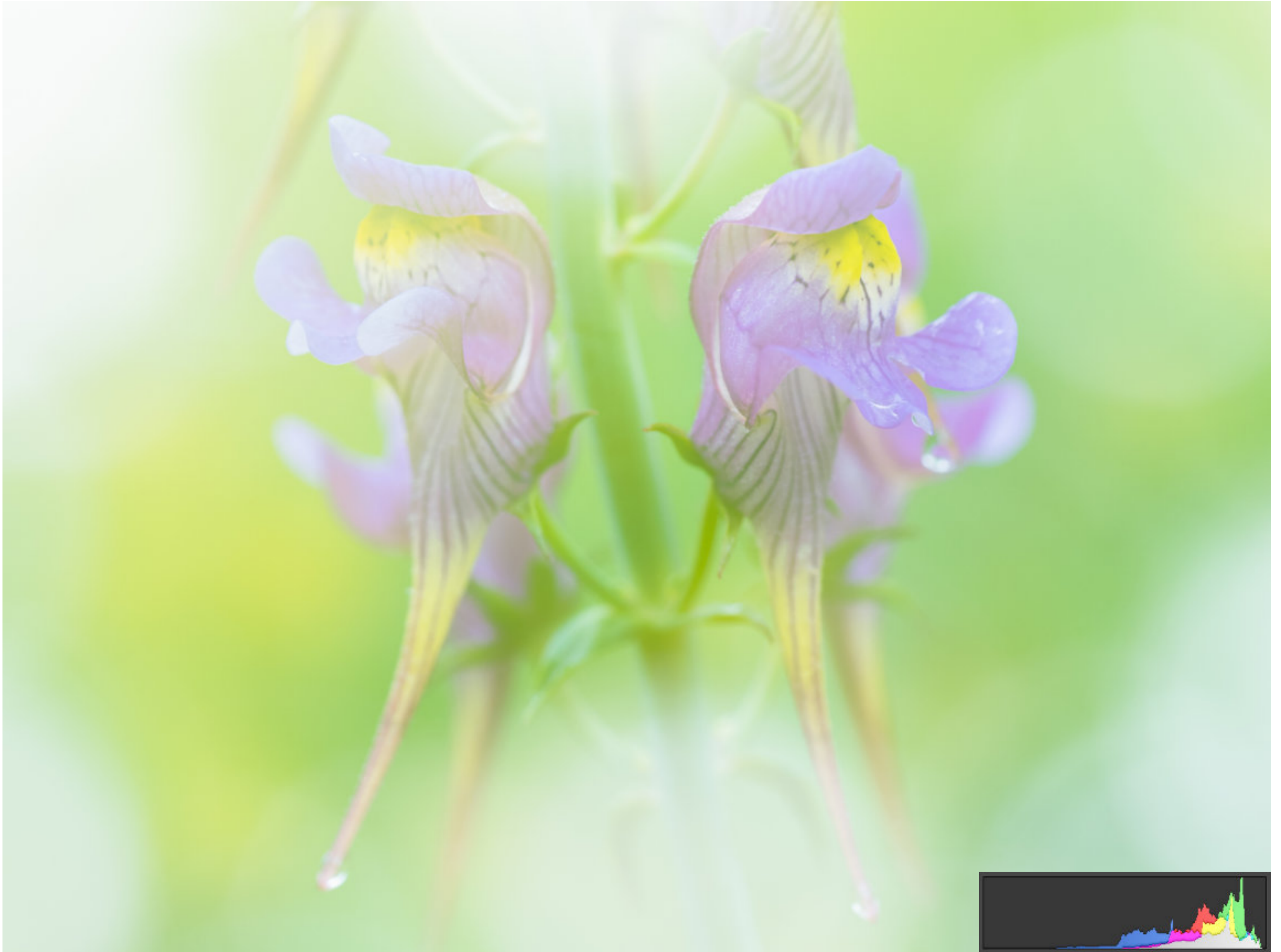


Imagem 1: Flores



Imagem 2: *Corni3n*



Imagem 3: *Somber*

consequência forte no que respeita à carga emocional da imagem resultante.

Antes de avançarmos, gostava de partilhar algo que faço, sempre que me é possível, no terreno. Estive até agora a falar do quão luminosa é uma imagem e o controlo que acho que devemos ter sobre esse resultado. No entanto, no terreno, eu tento sempre captar a maior quantidade de luz possível. E porquê? Porque quando estou a fotografar, nem sempre me preocupo em trazer um ficheiro .raw parecido com aquilo que vi, mas sim com a maior quantidade de informação possível para poder processar o ficheiro mais tarde, com maior latitude e menor perda de qualidade. Deixem-me explicar. Quando falo na maior quantidade de luz possível, o limite é sempre manter as altas luzes e os brancos sem “rebentarem”. Essa informação não se pode perder, mesmo que a exposição seja tendencialmente para a direita, ou seja, o histograma irá ter mais píxeis do lado direito. Se quiserem, podem testar: fotografem o mesmo sujeito com exposições diferentes e vão ver que o ficheiro com mais luz captada tem um tamanho em megabytes superior, consequentemente, mais informação. Já em casa, podemos reduzir a quantidade de luz sem qualquer perda de qualidade e/ou introdução de grão na imagem. A vantagem surge quando precisamos de ver o que está em zonas mais sombrias da imagem e, ao recuperar essa informação, teremos uma imagem mais limpa se tivermos captado a maior quantidade de luz possível.

Provavelmente estão a pensar que, hoje em dia, as câmeras têm gama dinâmica suficiente ou podemos recorrer à técnica “HDR” (alta gama dinâmica obtida a partir de várias exposições) e o problema fica resolvido. Sim, também é verdade. Eu prefiro trabalhar apenas com um ficheiro e ter a maior quantidade de informação possível, até porque processar uma imagem hoje, amanhã ou daqui a meses, não é a mesma coisa. A minha ou a vossa interpretação de um determinado local pode, e provavelmente é, diferente hoje do que era ontem e do que será da-

qui a uns meses e, portanto, ter a informação à nossa disposição nunca é algo mau.

O mais importante será sempre conhecer a luz nos locais que vos são queridos e captá-la e interpretá-la à vossa maneira, conhecendo sempre as consequências que cada decisão tem para vocês. Sim, para vocês, porque tudo de que estou aqui a falar é algo pessoal que só a nós diz respeito. Não controlamos a interpretação de terceiros sobre as nossas imagens, mas controlamos o que sentimos quando as criamos e é disso que estamos a tratar aqui.

Seria muito simples se a quantidade de luz fosse suficiente para estabelecer um paralelismo com a carga emocional de uma fotografia. Há pouco falei sobre conhecer a luz nos locais que gostamos, mas conhecer a luz não é saber a quantidade de luz que existe num local. É muito mais que isso! Conhecer a luz tem a ver com a qualidade da mesma e isso tem um impacto enorme na forma de nos expressarmos através das nossas fotografias.

A luz pode manifestar-se de diferentes formas e como vocês, amantes da natureza e da fotografia, já devem ter tido oportunidade de vivenciar, o tipo de luz presente consegue muitas vezes transformar a paisagem de uma forma única.

Vou tentar mostrar-vos alguns exemplos em que isso é notório. A luz pode ser lateral, difusa, contraluz, refletida ou frontal. Pessoalmente, em paisagem, gosto muito de luz lateral porque cria sombras e, consequentemente, contraste e uma maior sensação de tridimensionalidade do espaço. Podemos ver isso na fotografia “The Great Wall” que tem uma lateral forte criando sombras e imprimindo uma grande profundidade à fotografia. A luz difusa é um tipo de luz que costumo associar a suavidade e calma, algo que sinto quando estou num bosque acompanhado pelas árvores. O nevoeiro, além de simplificar a paisagem, também serve como difusor, criando uma atmosfera incrível (fotografia “Leprechaun”).

A contraluz cria muitas sombras e um contraste alto, resultando num cenário mais dramático (fotografia na zona de Fafião, no Parque Nacional), algo que também é muito do meu agrado. É nestas situações que muitos fotógrafos, talvez mais no início da sua viagem nesta arte, têm a tendência de querer ver todo o detalhe, mesmo nas sombras mais profundas das fotografias. Lembrem-se, no entanto, que a luz, para brilhar, precisa das sombras, de outra forma enfraquece e perde importância.

A luz reflectida é, na minha opinião, fantástica! É suave, relaxante e cria uma atmosfera incrível. As sombras existem, mas as transições entre espaços sombrios e luminosos possuem um gradiente mais suave e, consequentemente, produz formas mais “leves”, com limites difusos. A paisagem adquire muitas vezes a tonalidade da superfície onde a luz está a ser refletida, como no caso da imagem de capa deste artigo “Golden River”, onde o rio ficou dourado como o céu.

Finalmente, a luz frontal é uma luz que intensifica as cores e o detalhe. No entanto, não favorece a textura nem a tridimensionalidade do espaço e é um tipo de luz que, pessoalmente, não acho esteticamente agradável. Mesmo assim, recorrendo a outros elementos da paisagem, como por exemplo linhas, podemos tirar partido das cores vibrantes e continuar a ter profundidade como na imagem “Leirungsåe”.

Independentemente da qualidade da luz, a imagem pode possuir mais ou menos luminosidade, assim como uma temperatura de cor mais quente ou mais fria. É a combinação destes e outros fatores que, no final, vão criar uma imagem que representa a nossa essência, através deste meio artístico que é a fotografia. Continuem a experimentar e a conhecer os “vossos sítios”. As fotografias vão surgir e vocês vão adorá-las!



The Great Wall. Porta Roibas, 2021

Pág. seguinte:
Leprechaun. Picos da Europa, 2021





Fafião, 2023



Leirungsåe. Picos da Europa, 2021

Os Monólogos de Vento.



Os Monólogos de Vento.

“Comprometo-me a fotografar durante um ano sem o uso da cor, a explorar novas técnicas de produção e edição e a partilhar os sucessos e os fracassos. Para tal poderei usar todos os equipamentos ao meu dispor sem restrições. As doces cores da primavera não serão uma tentação e no outono não me deixarei levar pelos vermelhos ardentes do pecado colorido!” ~ **Tiago Mateus** *in Perspetiva* 08, Março 2023

Texto e fotografias por **Tiago Mateus**.

Dia 85 da minha viagem monocromática.

O vento, uma massa de ar incomensurável que se move, incessantemente, sobre qualquer superfície no mar ou em terra, desde o ponto mais alto da estratosfera até ao ponto mais baixo do Mar Morto, na Jordânia. A enganadora leveza da sua constituição, o ar, tem a capacidade de destruir, esmagar ou retorcer qualquer coisa que se oponha à sua passagem. São triliões de toneladas de moléculas que se agitam e repelem na gigantesca entropia invisível ao olho humano. Hoje, a ciência afirma que o sol, fonte de energia infinita à nossa escala temporal, alimenta esta massa destruidora, não somente no seu movimento caótico, mas também com a origem da vida em forma de pequenas gotas de água que são transportadas nestes turbilhões. Contudo, eu, como artista, apenas consigo pen-

sar na imensa carga emocional que o vento transporta para as paisagens que fotografo.

Quando fotografo junto da costa fico sempre com perguntas que simplesmente não têm resposta. Por exemplo, quantas toneladas de ar foram necessárias para contorcer, de forma tão intrincada, os troncos daquelas árvores ou destes arbustos? E esses milhares de toneladas de gases serão comparáveis às toneladas de areia e rocha que as insignificantes raízes destas plantas sustêm ao longo destes quilómetros de arribas expostas à passagem do tempo?

O fascínio e inquietude que sinto por estas paisagens castigadas pelo vento não é novidade. Em 2018, quando comecei a fotografar a linha de costa a norte e a sul de Lisboa, uma das coisas que me dava mais prazer documentar era a

erosão costeira. Cada vez que ia aos locais, conseguia sempre detetar pequenas diferenças na paisagem e, por vezes, até mesmo o destino das minhas saídas fotográficas, para norte ou para sul, era ditado pela direção em que o vento soprava. Mais tarde, descobri os maravilhosos pinheiros-mansos deitados da Mata Nacional dos Medos e das Arribas da Grota. Cheguei mesmo a apresentar parte deste trabalho no IRIS - Festival de Imagem do Gerês, em 2022. Contudo, queria trazer algo novo à revista *Perspetiva* e esta viagem monocromática veio abrir novas possibilidades e uma maior flexibilidade criativa. A exclusão da cor tem o poder de eliminar distrações e faz com que nos concentremos em formas e texturas complexas com maior facilidade, adicionando uma camada extra de abstração à imagem. As fotografias que vos trago hoje, feitas no final do inverno, espelham isso



mesmo. O destino seguinte nesta viagem foi um dos sítios mais ventosos que conheço, a Paisagem Protegida da Serra de Montejunto. Apesar de ser um sítio que tenho fotografado pouco,

sabia que existia um enorme potencial para lá encontrar as minhas fotografias de vento. A serra não é muito alta, 666m, mas por se tratar de uma montanha isolada, muito perto do mar,

o vento é implacável desde a sua base até ao cume e lá encontramos árvores verdadeiramente domesticadas pelo vício do vento.



Paisagem Protegida da Serra de Montejunto, 2023

Pág. anterior:
Vale do Caetano. Serra de Montejunto, 2023

Pág. seguinte:
A Memória do Vento. Serra de Montejunto, 2023



Os que já me conhecem, certamente saberão que nenhuma das fotografias que fiz foi improvisada. Naquele dia de chuva e nevoeiro já conhecia todas as árvores que fotografei. Alguns dias antes, com um clima mais soalheiro, havia feito um reconhecimento do terreno. E é neste ponto que tenho de ser franco convosco. Como vos prometi, no primeiro artigo e na definição deste desafio, todos os sucessos e insucessos devem ser publicados. Passo a explicar: as fotografias estão boas e gosto delas! Sim, são fotografias de vento e, muito provavelmente, serão usadas nos meus projetos e, quem sabe um dia, farão parte de uma publicação. Mas algum tempo depois desta saída questionei-me: “Qual é a diferença entre estas fotografias e o trabalho que tenho feito na Mata dos Medos? Onde estão as novas experiências? A novidade? Não basta ser a preto e branco, o desafio serve para experimentar coisas novas! São só mais umas árvores a preto e branco no meio do nevoeiro...” pensei.

A partir deste ponto voltei à estaca zero e comecei a pensar no que poderia fazer de novo, seguindo a mesma metáfora da fotografia de vento que tanto me fascina.

Uma nova abordagem

A criatividade é como as marés, a seguir à baixa-mar vem sempre a preia-mar, e, neste último mês, a falta de nuvens e chuva até me ajudou a chegar à ideia das fotografias de vento seguintes.

Desta vez, uma parte da inspiração veio do fotógrafo inglês Jasper Goodall. O trabalho do Jasper não é exclusivamente a preto e branco, mas o que me inspirou foi uma das series mo-

nocromáticas dele onde fotografa bosques à noite utilizando luz artificial, o que confere um dramatismo e teatralidade inigualável às árvores e as suas formas.

A outra parte da inspiração veio daí mesmo, da teatralidade que tanto aprecio nas minhas fotografias. Sei que é um conceito um pouco vago, mas gosto de fotografar de forma intencional e abordar os conceitos criativos de forma racional. Pretendia um grafismo muito específico para produzir estas fotografias e pensei usar uma técnica que não tem nada de inovador, mas que é muito utilizada nas artes de cenografia e iluminação das peças de teatro. A iluminação cénica pode criar significados, atmosferas, contrastes e tridimensionalidade na cena, além de iluminar e destacar os atores e o cenário. É uma linguagem poética-visual que requer uma educação do olhar para ser apreciada e analisada. A luz é o oxigénio do ator, pois quanto mais ela o destaca, mais o seu personagem cresce.

Assim, como se a fotografia de uma peça teatral se tratasse, imaginei um monólogo. O ator sozinho em palco representaria a personagem de um velho. A Iluminação seria simples, um foco de luz dura iluminaria apenas a personagem, dando ênfase ao seu rosto marcado pela idade. Aquela luz, de certa forma intimista, e o palco escuro, confeririam a carga emocional necessária para que o personagem contasse a sua complicada e retorcida história de vida.

Com este conceito em mente, meti na mochila um pequeno flash com disparador remoto e fui fotografar, mais uma vez, para um sítio extremamente ventoso, a Zona de Proteção especial do Cabo Espichel. É um sítio que conheço bem e ao qual costumo chamar em jeito de brinca-

deira “o meu escritório”, como tal, caminhando por entre dossiês e papelada não demorei a encontrar em duas ou três saídas alguns personagens com histórias de vida incríveis, marcadas pela terrível nortada que certamente valia a pena contar. As personagens desta peça são uma das poucas espécies que consegue resistir aos ventos fortes, ao ambiente salino e à aridez daqueles solos: os arbustos juníperos. Muitos deles, a avaliar pela grossura do tronco e raízes, devem ter algumas dezenas de anos e, ao longo desse tempo, desenvolveram formas verdadeiramente estranhas, no mínimo. O sol por aquelas paragens não dá tréguas e foi necessário esperar que ele desaparecesse sob o horizonte para que o flash surtisse o efeito desejado no palco escuro. A parte de realização não foi simples e foram necessários vários ensaios. A câmara mais o disparador remoto do flash estavam montados no tripé e eu com o flash e o telemóvel na mão noutra canto do palco controlava a câmara remotamente por wifi, tentando ao mesmo tempo, posicionar o flash para a iluminação dramática do personagem quando o obturador era acionado pelo telemóvel. Parecia um número de circo repetido inúmeras vezes até que a luz ambiente se tornava tão fraca que o palco se transformava numa papa monocromática sem definição, altura em que o melhor era ir para casa ver os resultados.

Depois de apreciar os resultados, mais uma vez tenho de ser honesto, gosto das fotografias, especialmente a fotografia “O Mundo Invertido” que me faz lembrar algo saído da série americana “Stranger Things”, mas sinto que falta algo, não me senti totalmente realizado. Por isso, pretendo voltar a esta técnica mais tarde, talvez com outros temas ou personagens, e quem sabe

com mais fontes de luz.

Obrigado por me acompanhares nesta viagem.

Notícias do planeta monocromático

Finalmente, gostava de partilhar convosco duas notícias que saíram há duas semanas sobre o lançamento de duas novas máquinas digitais que utilizam sensores exclusivamente monocromáticos. A primeira, a *Pentax K3 MKIII Monochrome* e poucos dias mais tarde a *Leica M11 Monochrome*. Estes lançamentos não serão únicos, acredito, estou a imaginar a Fujifilm provavel-

mente a fazer algo semelhante com um dos seus belos modelos estilo retro. Digo isto, pois o sensor presente na *Pentax K3 MKIII* de 26MP, que provavelmente é produzido pela Sony, é também muito provavelmente o mesmo sensor usado em modelos da Fujifilm, como, por exemplo, a X-T3 e X-T4, por isso não me admirava que este sensor monocromático da Pentax chegasse também até à Fujifilm. Estas notícias provam, não só que eu não estou maluco por fazer este desafio, mas também o aumento de interesse, em geral, pela da fotografia a preto e branco. A aposta neste nicho de mercado por parte das marcas prova isso mesmo. Neste momento

estarão a perguntar por que raio fazer uma máquina tão limitada que só fotografa a preto e branco quando com apenas um *click*, em qualquer *software* de edição, podemos transformar uma fotografia a cores em preto e branco? É essa questão a que vos vou responder no próximo número da Perspetiva! A indústria não está doida, existem efetivamente vantagens técnicas em produzir sensores monocromáticos. Tudo isto explicarei no próximo artigo que será mais técnico e onde também vos vou apresentar uma alternativa muitíssimo mais económica à *Leica M11 Monochrome* e cujos resultados não desiludem. A não perder.



Pág. anterior:
O velho da praça. Sesimbra, 2023



Na varanda a ver quem passa. Sesimbra, 2023



O mundo invertido. Sesimbra, 2023

Serra da Cabreira. Exploração.

Serra da Cabreira. Exploração.

Em todas as saídas há o clima de incerteza da primeira vez que se vai diluindo à medida que a mesma se vai repetindo. Mesmo naqueles sítios por onde se anda frequentemente, as fotografias que estes proporcionam são, muitas vezes, diferentes e inesperadas.

Texto e fotografias por **Ângelo Jesus**.

Desta vez vou conhecer um lugar novo, sem referências prévias, apenas com recurso a informação escassa que encontrei na internet e alguns passeios virtuais pelo Google Earth.

Gosto muito de visitar os meus lugares, aqueles com os quais já criei uma certa intimidade mas, uma vez ou outra, salto para o desconhecido e parto à procura de um sítio completamente novo.

Há sempre um grande entusiasmo, centrado num aspeto muito importante no meu processo criativo - a exploração. Talvez 90% das minhas

saídas sejam para lugares que já conheço e os restantes 10% para outros que mais tarde, certamente, também acabarão por fazer parte do primeiro grupo. A ideia é que exista uma parcela de renovação constante.

No meu bloco de notas, tenho o hábito de assinalar lugares ou caminhos que, de alguma forma, chegam ao meu conhecimento e que podem ter interesse para exploração futura. Contudo, as altas expectativas, assim como a falta de familiaridade com esses lugares, podem fazer com que estas experiências nem sempre ocorram da melhor forma.

Desta vez, venho inaugurar a minha época primaveril na Serra da Cabreira, um sítio até agora completamente desconhecido para mim. Tem vindo a crescer, já há algum tempo, uma certa curiosidade para conhecer esta serra, para onde tantas vezes olhei a partir dos cumes do Gerês. A Serra da Cabreira, com uma elevação de 1262 metros, no Alto do Talefe, situa-se no Baixo Minho e Baixo Barroso, fazendo fronteira com os concelhos de Vieira do Minho, Cabeceiras de Basto e Montalegre. Reza a lenda que o povo lhe deu o nome, como homenagem a uma jovem e bela cabreira que por lá andava a guardar o seu rebanho.



Serra da Cabreira. 03.2023

A ideia inicial seria fazer um caminho circular, baseado num esboço prévio que criei. Normalmente, uso trilhos já marcados como referência, para depois fazer a minha própria versão, baseada apenas nos pontos que me interessam. Já cheguei à conclusão que a maioria dos trilhos oficiais só incluem parte do que realmente é relevante para mim. Com o tempo, vou fazendo os meus ajustes e criando trilhos personalizados.

Está um tímido dia de primavera e hoje é também aquele dia em que se transita para o horário de verão, com a vantagem de se dispor de uma hora extra.

Após as rotinas habituais, ligo o carro e saio de casa à hora planeada. Hora e meia depois, já na fase final do trajeto, o gps conduz-me por ruas cada vez mais estreitas a terminar num beco sem saída. Na verdade, encontro-me no sítio certo e até podia iniciar o trilho logo ali, mas não há lugar para estacionar sem bloquear a estrada. Há que voltar para trás, mas agora sem espaço para o fazer. Muitas manobras depois, lá consigo inverter a marcha, aliviado por sair daquele sítio claustrofóbico. Resolvo avançar para o plano alternativo, tentando ligar-me ao trilho uns quilómetros mais à frente. Após mais meia hora de estrada, chego ao meu destino, agora com um lugar adequado para deixar o carro. Finalmente, é hora de iniciar o caminho a pé. Ao mesmo tempo, vejo nuvens a pairar no vale e começo a descer em passo acelerado, o que me leva mais meia hora, o suficiente para que a nuvem se dissipe. Durante esta parte do trajeto, pouco mais vejo do que acácias à minha volta. Não me recordo de ver tanta proliferação destas invasoras como aqui.

Porém, chegado ao fundo do vale e já bem perto do rio, sinto finalmente uma energia positiva. Um sítio muito aprazível, que me impulsiona a tirar a máquina da mochila e fazer as primeiras fotografias.

A partir daqui, as coisas melhoram significativamente. Consigo, por fim, tranquilizar a mente e focar-me naquilo que me propus vir cá fazer. O sol vai, timidamente, aparecendo, para se esconder de seguida, proporcionando-me belos e fugazes momentos de luz.

Sigo com a máquina montada no tripé, debaixo do braço e, de vez em quando, vou fotografando as árvores que se encontram mais abaixo, no declive à minha esquerda, ou então do outro lado, outros elementos que vão surgindo em contraluz.

Desta vez optei por trazer duas câmaras. Uma com uma objetiva standard e a outra com uma teleobjetiva. Como não sei o que vou encontrar, esta é uma forma de responder mais rapidamente e simplificar os processos. Outra das razões é o facto da minha câmara principal ter colapsado numa das últimas viagens que fiz. Só ao fim de tantas horas no terreno é que acordei para as vantagens de trazer dois corpos. Apesar de considerar um privilégio poder passear pela natureza, mesmo sem ter comigo uma máquina fotográfica, sinto-a cada vez mais como uma extensão de mim próprio e imprescindível para tornar a experiência mais intensa. De resto, também não quero perder a oportunidade de, não só guardar memórias e perceber o que pode funcionar ou não neste novo lugar, como também, de continuar a ampliar o meu inventário fotográfico.

Recentemente, ouvi num dos meus podcasts favoritos, uma reflexão interessante e com a qual me identifiquei de imediato. Genericamente, falou-se na ideia de existirem duas abordagens distintas ao realizar uma saída fotográfica. A primeira, feita com objetivos bem definidos, como por exemplo, a criação de imagens para incluir num projeto ou trabalho específico. A outra, a que o autor caracteriza como "reunir ativos", quase como se o fotógrafo atuasse como um colecionador de imagens, saindo na maioria das vezes sem objetivos pré-estabelecidos, esperando que seja o passeio a ditar aquilo que se vai recolher e trazer para casa. Esta abordagem pode parecer oca e superficial, contudo, julgo que não será bem assim, até porque essas imagens, não planeadas, tornam-se por vezes no ponto de partida para um novo projeto.

Provavelmente, também não estarei a mostrar nada de novo e, certamente, muitos de nós já põem em prática estas duas abordagens. Reconheço, todavia, que esta última é a que melhor encaixa no meu perfil, embora não pretenda que o meu espólio fotográfico se torne em algo demasiado disperso e sem grande propósito. Quase tudo aquilo que trago e que passa pelas fases de curadoria, é catalogado e organizado, seja por temas, lugares, emoções, etc., arrumado em múltiplas coleções, de forma a que possa vir a constituir a matéria prima de um projeto futuro, esse sim pensado e que possa materializar-se, seja num livro, revista, e-book, exposição, galeria no website pessoal, etc.

As imagens que recolhi nesta minha primeira visita à Serra da Cabreira não foram planeadas, sendo muito diversas, seja nos sujeitos ou temas, mas também na atmosfera e nas tonalidades. Contudo, mesmo não sendo extraordiná-

rias, sinto que contam parte da história deste dia e ganham um propósito que, neste caso, é fazer parte deste artigo.

Estas saídas, a que normalmente se atribui a denominação de “reconhecimento”, são também, à partida, menos eficientes. Somos confrontados com muita informação nova, a criar distrações que impedem um olhar mais atento e profundo para os detalhes. A mente fica menos tranquila e o processo também. Logo, o que se vê, tende a ser quase sempre o mais óbvio. Consome-se tempo em coisas sem interesse. Mas, por outro lado, é divertido.

Não se trata de a experiência na natureza ser, por si só, uma aventura, mas também o próprio processo de criação das fotografias.

Em todas as saídas há o clima de incerteza da primeira vez que se vai diluindo à medida que a mesma se vai repetindo. Mesmo naqueles sítios por onde ando frequentemente, as fotografias que estes me proporcionam são, muitas vezes, diferentes e inesperadas e vão, também elas, ampliar e criar novas coleções. Assim, um dia, quando me surgir uma ideia ou um projeto, já tenho matéria prima para arrancar e, depois, eventualmente, ter de fazer uma ou outra saída específica para criar as fotografias que ainda me faltam.

Após ter já percorrido mais de metade do percurso, resolvo sair do estradão para entrar num denso bosque de cedros. Mesmo com o sol dominante nesta altura, o ambiente no seu interior é escuro e frio. Há um misto de sensações que vão desde a inquietação ao deslumbramento. Torna-se ainda mais difícil fotografar no meio destas árvores gigantes e envolventes, de

padrão repetido e retilíneo. Contudo, ao fim de algum tempo, as fotografias começaram a formar-se na minha cabeça. As emoções estão lá, só preciso de usar a técnica e o equipamento para traduzir o estímulo e a ligação. Por vezes, são apenas feixes de luz que entram e incidem sobre qualquer coisa. Algo efémero que logo de seguida se apaga como uma vela, à medida que passa uma nuvem ou o ângulo do sol muda ligeiramente. Algumas fotografias não têm tempo para se materializar, a não ser no meu cérebro. As outras, gravadas no cartão da máquina, também não são nada de extraordinário, mas geram ideias para desenvolver no futuro.

Encontro uma mesa de pedra junto ao curso de água. É o sítio quase perfeito para o almoço. Frequentemente este entusiasmo criativo, até infantil, faz-me esquecer de comer, mesmo tendo fome. Apesar de ser um lugar frio, estou resguardado do sol forte e tenho o som tranquilizante do curso de água a correr ao meu lado. Permaneço aqui cerca de duas horas, desligado do mundo num lapso temporal, focando-me nas zonas do rio onde a luz do sol não incide e a entreter-me com os padrões e movimentos na água que parece ter vida própria.

Este dia começou com alguns percalços, por vezes com uma sensação de arrependimento ou de tempo perdido, mas como quase sempre, torna-se exatamente no oposto.

Tenho mais coisas na minha lista, para explorar nesta serra. Mesmo nos sítios por onde hoje andei, há muita coisa que precisa de ser descoberta ou vista de outra maneira. Na próxima visita também já saberei melhor para onde é que devo ou não devo ir. Deixará de ser um lugar novo para ser um lugar a ver com um novo

olhar. Mas, certamente, será para regressar.

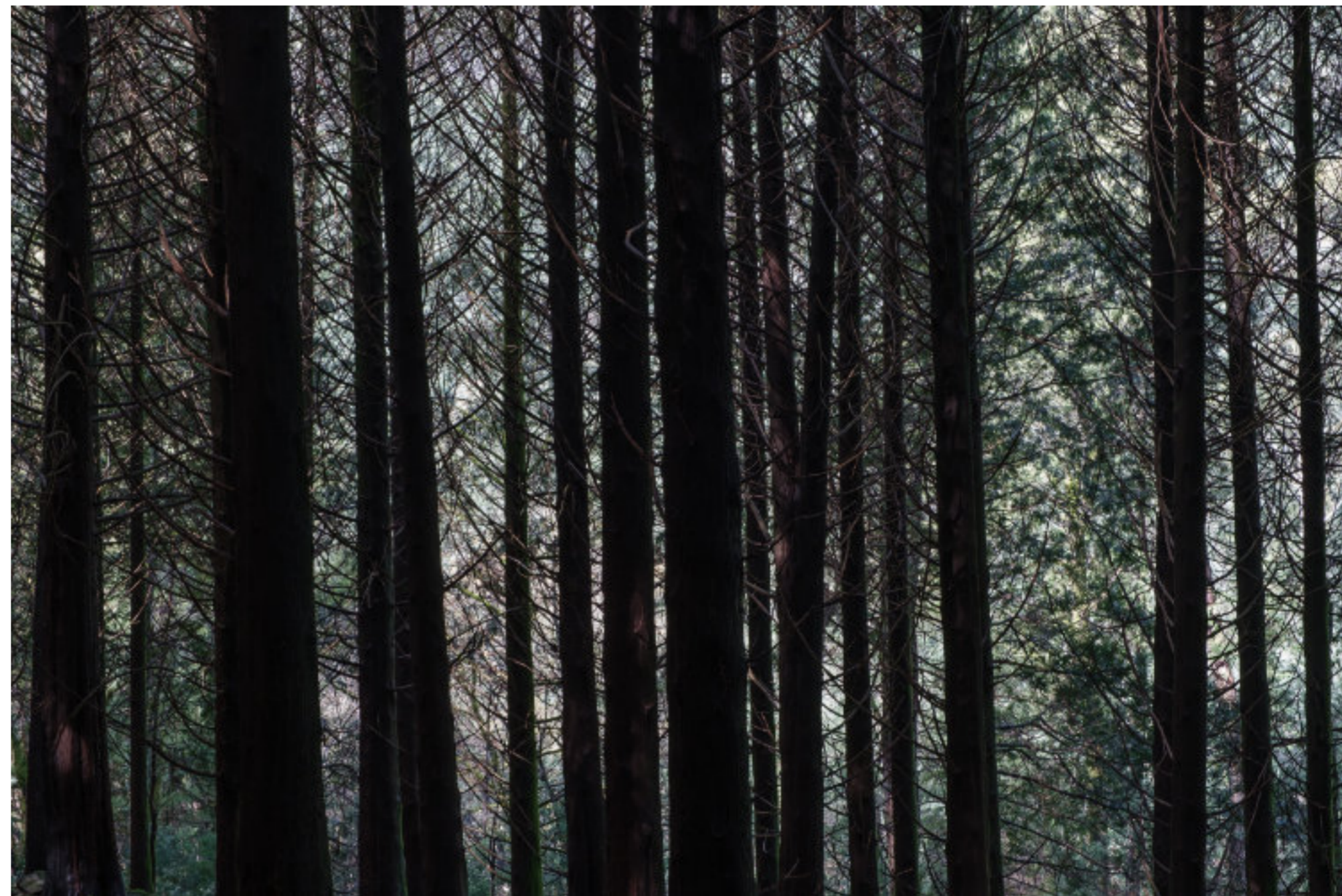
Grato por mais esta experiência.



Pág. anterior:
Serra da Cabreira. 03.2023



Serra da Cabreira. 03.2023



Serra da Cabreira. 03.2023



Serra da Cabreira. 03.2023



Serra da Cabreira. 03.2023

Pág. seguinte:
Serra da Cabreira. 03.2023





Serra da Cabreira. 03.2023



Serra da Cabreira. 03.2023

Pág. seguinte:
Serra da Cabreira. 03.2023





Serra da Cabreira. 03.2023

Estado Líquido. Fotografando água.

Estado Líquido. Fotografando água.

Texto e fotografias por **Luís Afonso**.

A água nunca pára quieta. É dona de um ciclo sem fim. Todos o aprendemos na escola, numa aula de Ciências da Natureza, algures pelo oitavo ano de escolaridade. A chuva faz escorrer a água das nuvens até à superfície da terra, descendo depois colina abaixo, através de rios e ribeiros, formando lagos e, eventualmente, fluindo até ao oceano. Depois, durante a evaporação, a água transforma-se de líquido em gás e move-se dos oceanos e dos lagos para a atmosfera, onde forma, de novo, as nuvens. E o ciclo recomeça, numa sinfonia sem último andamento à vista.

Adoro fotografar água. Costumo dizer que um local onde existam árvores, pedras e água servirá para me manter feliz durante horas.

A água, para além de uma plasticidade que nos permite registar e criar inúmeras formas, tem também a capacidade de refletir a realidade, permitindo criar composições verdadeiramente

únicas, utilizando a luz transiente de que o Mário fala no seu artigo desta edição: luz que permite ir buscar as características (cor, luz) dos objetos que está a refletir.

Mas a água tem uma característica fundamental: está quase sempre em movimento. E, quando se deixa aprisionar, muitas vezes desaparece, deixando transparecer o que está por baixo ou por cima de si.

Talvez por isso, fotografar a água, de uma forma consensual, seja tão difícil.

Há um par de dias, uma pessoa que ouço sempre com muita atenção e profunda admiração dizia-me que não gostava da água registada de forma a parecer “algodão”. Já não é a primeira vez que me dizem isto, fotógrafos e não fotógrafos e a primeira coisa que faço, inconscientemente, é tentar fazer ver que faz sentido fotografar-se a água daquela maneira.

Mas, desta vez, essa mesma pessoa, que tem a capacidade de me fazer realmente escutar o que diz, pôs-me a pensar em qual será a forma mais correta de se fotografar a água.

Como é que se fotografa a água para ela parecer real?

Bom, esta frase daria pano para mangas. Todos os que me lêem sabem que, para mim, a fotografia nunca há-de representar o real. E ainda que o pudesse fazer, nunca seria por isso que eu a abraço. Na minha opinião, a fotografia é um meio de expressão daquilo que sou e nunca um espelho da realidade. Quanto muito, será um espelho da minha realidade. Um, entre muitos.

Ainda assim, peço-vos que pensem um pouco comigo. Como é que nós vemos a água que se encontra em movimento? Vemos as suas partículas, as suas gotas? Vemos a corrente que corre de forma contínua e sedosa, como se fosse uma

massa homogênea? Vemos partes paradas e partes em movimento? Como é que nós vemos uma coisa em perpétuo movimento?

A realidade é que nós temos percepção do movimento. Os nossos olhos e o nosso cérebro, juntos, conjuram movimento e percebem que a água se está a mexer. A câmera fotográfica, na captação de um instante (mais ou menos breve), não consegue fazer isso. Para a máquina não existe movimento real, apenas o implícito que o nosso cérebro consegue criar através de um desfoque por arrasto.

Induzindo um sentimento

Se não conseguimos captar a realidade da água que se move, talvez seja mais proveitoso tentarmos colocar essa deficiência do equipamento em nosso benefício e tentar carregar as nossas imagens com algo muito mais bonito do que a realidade: o nosso amor por aquilo que se encontra diante de nós.

Assim sendo, podemos usar a água para demonstrar energia, quietude, momento ou força. Na realidade, podemos usar a água para induzir mil e um sentimentos nas nossas imagens, sem precisarmos de nos importar se ela está a ser registada de forma “real” ou não.

Podemos passar antes para o campo daquilo que nos encanta. Se a mim me encanta captar energia, então usarei uma técnica que me permita mostrar a água na sua forma mais elementar. Se, por outro lado, quero que a água seja apenas uma linha, ainda que curva, na paisagem, então posso usar uma técnica que a transforme numa massa homogênea capaz de construir esse elemento da minha composição.

Técnica

Um dos fatores que é preciso dominar para fotografar sujeitos que não param quietos é a velocidade de obturação ou, no termo mais correto, tempo de exposição.

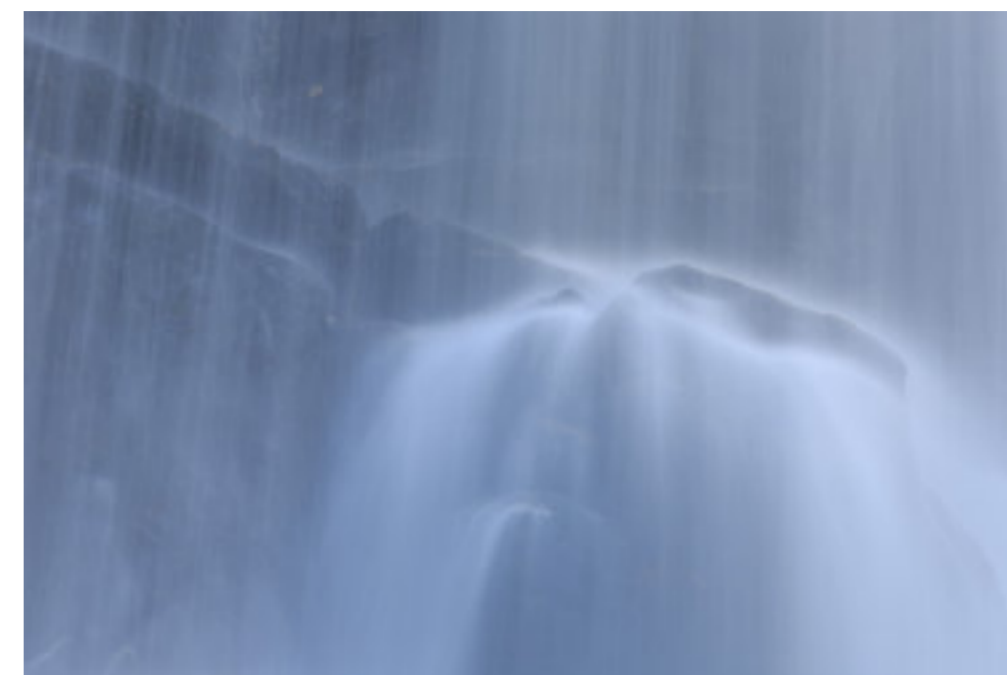
Tempos de exposição mais rápidos permitem congelar o movimento, o que, no caso da água, significa ter a possibilidade de registar desde as gotas que compõem o lençol de água até à textura relacionada com as formas que a corrente de água faz ao passar pelos leitos que percorre.

Controlar esse tempo de exposição é a chave para registar a água da forma como esperamos, sempre tendo em conta aquilo que pretendemos induzir nas nossas imagens.

Olhemos para um exemplo. Em Fevereiro de 2016, quando visitei a cascata da Cabreia, perto de Sever do Vouga, a luz não era a ideal para fazer fotografias abertas do rio Mau e da envolvente. Por essa razão, decidi optar por uma abordagem mais intimista. Nada de novo, dirão vocês...

Por alguma razão, uma rocha no extremo de uma diagonal captou a minha atenção e tentei fazer uma composição interessante com esse elemento.

A primeira das fotografias, para me manter fiel ao elemento que queria mostrar, foi feita com um tempo de exposição relativamente longo. Longo o suficiente para retirar a maior parte da textura da água corrente, dos salpicos que a mesma fazia ao embater nessa rocha, tentando mostrar apenas o grafismo da composição.



0,6 segundos, f/16, ISO 50

Pelo tempo de exposição utilizado, podem ver que a água estava efetivamente a correr muito depressa, tal era o fluxo da corrente. Esse tempo de exposição escolhido permite visualizar, de forma clara, a rocha que queria fotografar e que me chamou a atenção por detrás da cascata.

De seguida, resolvi tentar mostrar a força da água e a energia do local, tal como a estava a sentir. Nestes locais, em especial com caudais



1/1600 segundos, f/2.8, ISO 1600

fortes de inverno, o *spray* é constante e somos

constantemente inundados com partículas de água que teimam em molhar-nos a nós e ao elemento frontal da nossa objetiva, obrigando-nos a limpeza frequente.

Para realizar esta imagem cheia de força, algo caótica, tive de encurtar o tempo de exposição para 1/1600 segundos e, com ele, aumentar o ISO para 1600 e a abertura para f/2.8. Tudo isto para me permitir congelar o movimento.

Ainda assim, decidi fazer uma outra fotografia (sim, na minha opinião são três fotografias diferentes) com um tempo de exposição intermédio. Nesta fotografia, iria tentar conciliar as duas coisas anteriores: mostrar o elemento que pretendia realçar (a rocha triangular) e que desapareceu por completo na imagem acima, ao mesmo tempo que manteria alguma da energia da água, criando uma imagem com mais força, usando a textura da água corrente e a luz que se refletia na mesma para esse efeito.



1/30 segundos, f/11, ISO 200

Na minha opinião, esta será a mais conseguida das imagens e a que melhor reflete aquilo que criei no terreno. Não quero dizer que tenha de

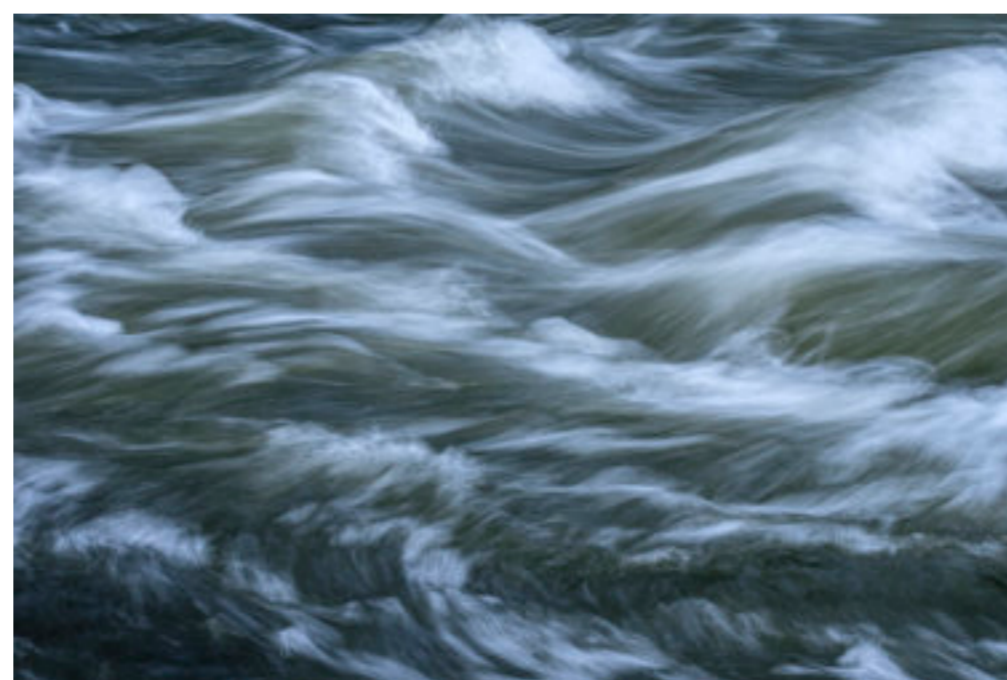
ser a vossa favorita, nem a mais “real”. É somente aquela que melhor personifica aquilo que vos queria contar. Mais uma vez, a forma certa de retratar aquilo que vemos está e estará sempre dentro de nós. Para vocês, a forma mais correta pode ser qualquer uma das outras, simplesmente porque seria assim que vocês iriam “ver” a cena, reagir à cena com aquilo que trazem dentro de vós.

Os nossos números

Posto este exemplo, gostava agora de vos mostrar algumas imagens daqueles que considero os meus tempos de exposição de eleição.

Noutro dia, também em conversa com um amigo fotógrafo, falávamos desses tempos, de quanto alguns são perfeitos para retratar certos corpos de água, mais ou menos mexidos.

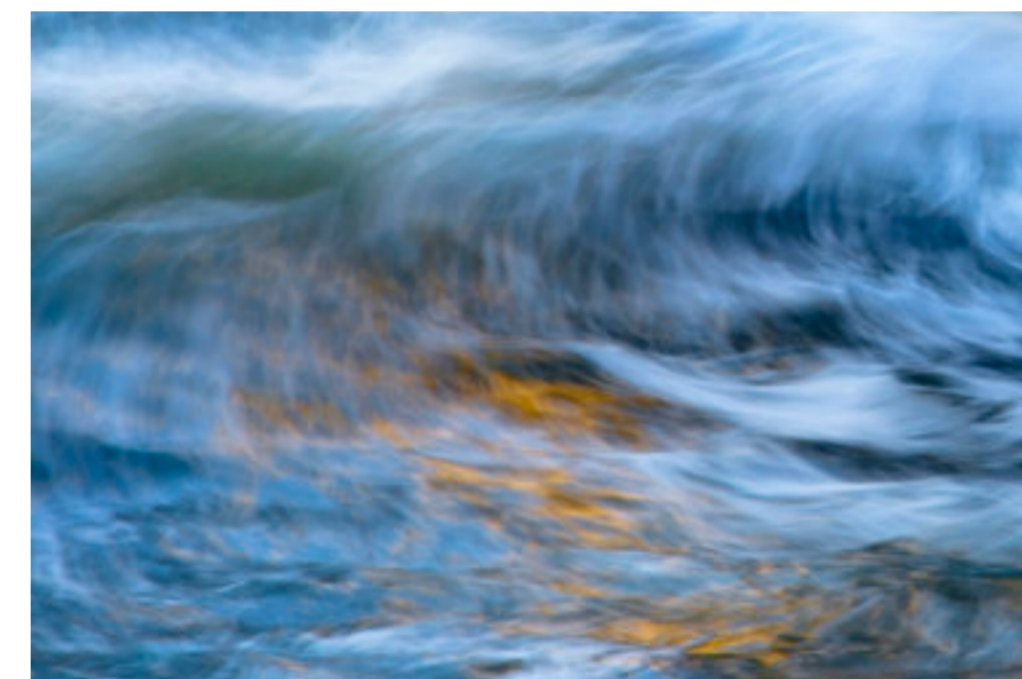
Uma vez mais, todos dependem sempre do que se pretende mostrar e do tipo de emoção que queremos fazer nascer ou crescer nas outras pessoas.



1/6 segundos, f/22, ISO 200

Na ocasião falávamos de corpos de água que se movem, em especial rios e ribeiros de montanha e como gostamos de manter uma velocidade suficientemente rápida para que a textura da água não se perca.

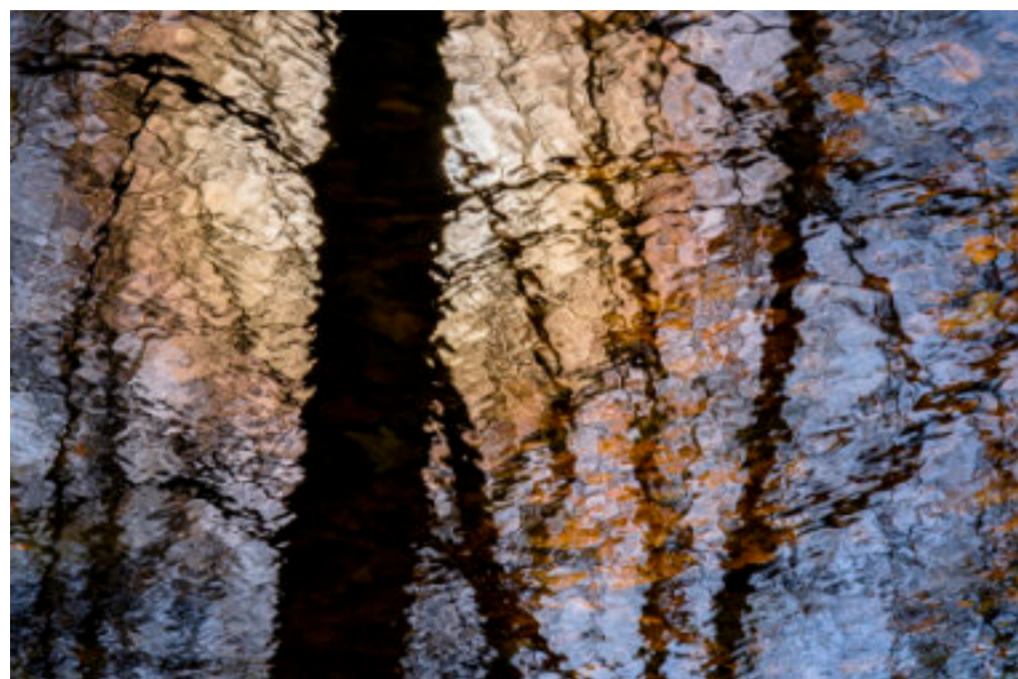
Na imagem anterior, o tempo de exposição de 1/6 segundos permite captar um misto de movimento e energia, sem fazer parecer que a água é de “seda”, o que iria eliminar por completo a textura e as linhas curvilíneas da água. Um tempo de exposição entre 0,5 e 1/10 de segundos, normalmente, produz bons resultados.



0,5 segundos, f/16, ISO 200

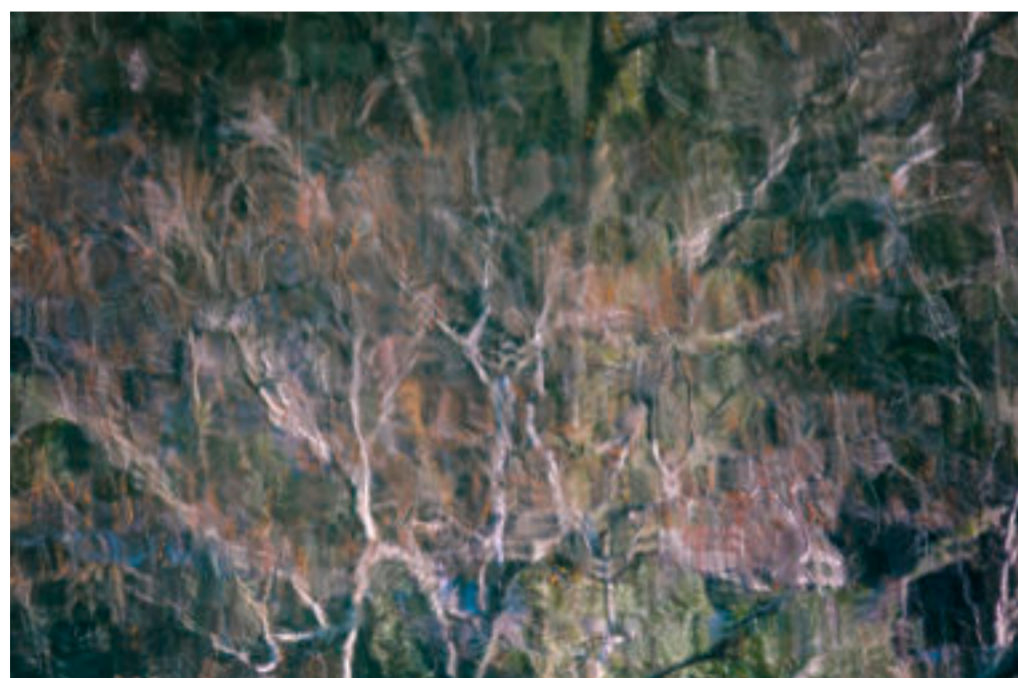
Outro dos números mágicos surge quando tempo captar reflexos de objetos de um modo mais impressionista, baseado nas pinturas de Monet. Aqui, preciso de um tempo de exposição ligeiramente mais rápido, pois a textura é muito importante neste tipo de imagens. Tendo igualmente usar, em conjunto, uma abertura pequena o suficiente para que essa textura seja registada como se de uma pintura a acrílico se tratasse, para que se vejam bem os tracejados do pincel. Se usasse uma abertura grande, como f/2.8 ou superior, com este tempo de exposição

algo lento, esse tracejado desapareceria por completo.



1/100 segundos, f/11, ISO 200

Um exemplo em contraponto, em termos de técnica de captação, mas que produz um efeito semelhante, é usar um tempo de exposição muito mais rápido e uma abertura maior, como na imagem abaixo.



1/1000 segundos, f/2.8, ISO 800

Neste caso, o efeito impressionista causado pela velocidade extremamente rápida é “suavizado” pela utilização de uma abertura grande.

Para terminar, apresento um tipo de imagem em que o objetivo é que a água seja apenas um meio para refletir a paisagem, criando, muitas vezes, composições simétricas. Já lá vai o tempo em que pretendia reflexos imaculados, onde a água estivesse completamente parada, como é o caso desta imagem que venceu a categoria Gerês do concurso Iris de 2022. Para conseguir esta fotografia foi preciso utilizar um filtro de densidade neutra de 10 stops para alcançar um tempo de exposição de 200 segundos (3 minutos e 20 segundos), capaz de eliminar qualquer textura das águas da barragem de Vilarinho das Furnas.



200 segundos, f/11, ISO 100

Hoje em dia, prefiro tempos de exposição menos longos, que permitam reter alguma da textura da água, ainda que sem interferir no que se quer mostrar, ou seja, a paisagem. O meu objetivo, com esta decisão, é permitir que se perceba que o elemento água está lá.

Na imagem que se segue, só uma leitura atenta da mesma consegue mostrar um ligeiro movimento que indica que, efetivamente, estamos na presença de água corrente e não de uma

densa camada de água do estado sólido, uma vez que a sua capacidade reflexiva iria sempre desvendar a sua existência.



0,3 segundos, f/16, ISO 100

A água é essencial à vida: garante a nossa existência, a de toda a biodiversidade e o equilíbrio dos ecossistemas. Para além de garantir esta subsistência, tem também um papel fundamental na nossa qualidade de vida, uma vez que é indispensável a quase todas as atividades económicas, sejam serviços ou produtos. E é, igualmente, um elemento fundamental para quem se dedica às artes visuais, com a sua capacidade de transformar as nossas imagens em criações únicas, cheias de sentimento e sentido estético.

E vocês, como gostam de ver retratada a vossa água?

Pág. seguinte: 1/15 segundos, f/22, ISO 160 (11h56)



Guy Tal

More Than a Rock: Essays on Art, Creativity, Photography, Nature, and Life

Segunda Edição: California, janeiro de 2021
Rocky Nook Inc. (18,5 x 23,5 cm, 266 páginas, capa dura)

Texto por **Rúben Neves**.

"Para a maioria das pessoas, o objetivo da fotografia é fazer fotografias atraentes. Num sentido mais amplo, alguns consideram o propósito da arte simplesmente como a capacidade de fazer belos objetos. Perdido em tais ideias simplistas está o poder da arte enquanto motor para elevar a vida de artistas e de espetadores, não apenas fornecendo distrações efêmeras para os seus dias, mas moldando e influenciando percepções, estilos de vida e atitudes de maneira positiva e duradoura." ~ Guy Tal

Imagine uma rocha, no meio de um areal, ou uma árvore no meio de um deserto. O exemplo pode ser dado de ambas as formas. A rocha e a árvore são coisas. Mas representam muito mais

do que isso, no seu contexto e, por isso mesmo, mais do que elas próprias. Invariavelmente, representarão, ainda, outras coisas mais para quem as percebe, vê, e analisa. Ora, nesse processo há toda uma viagem que se estende desde o primeiro momento de percepção até à lembrança (ou memória) do que se viu. É nesse espaço que Guy Tal pretende estar, mostrando que "algumas imagens parecem coisas, enquanto outras dão a sensação de serem coisas", deixando passar a ideia de que o que realmente importa não é o que se vê, da forma mais evidente, mas sim toda a experiência (emocional) que é passada durante o momento em que se esteve a ver, longe de um registo cénico ou de uma mera substituição do mundo real.

Guy Tal pretende que o seu trabalho inspire pelo lado emotivo, defendendo, tal como Edward Weston, uma relação de "apresentação significativa", logo à partida. Tal, aproxima-se assim à ideia de William Mitchell, professor de História de Arte da Universidade de Chicago que, em 1994, publicou "*Picture Theory: Essays on Verbal and Visual Representation*", inaugurando assim uma fase a partir da qual as imagens passaram a ser, elas próprias, um discurso por si só, ao invés de objetos que precisariam de uma explicação através de qualquer outra linguagem.

Tal como em Edward Weston, que evitava o uso da expressão *interpretação*, Guy Tal tem um cui-

dado muito especial com as palavras na reflexão sobre os usos e interpretações (aqui, a palavra é minha) das imagens que produz. Tal é fotógrafo e professor, por vezes apelidado de filósofo. Talvez por isso “*More Than a Rock*” seja, também, mais do que um título. É uma reflexão profunda sobre o que gira em torno da fotografia e dedicada a quem sobre isso gosta de pensar. Quem, como Guy Tal, decidiu que assentaria a sua atividade no ensino e na escrita, terá, certamente, muito a dizer com palavras... sobre fotografia. Poderíamos, agora, estar já a classificar o livro como um ensaio, apenas. Ou como reflexões de um artista sobre a fotografia ou até sobre o seu trabalho fotográfico. E não estaríamos errados na classificação. Mas seria uma avaliação incompleta e injusta. Só mesmo para não dizer que é um livro sobre filosofia da imagem, podemos dizer que o livro está situado no lado oposto ao dos livros técnicos. Não só espicaça o lado mental mais artístico como desafia o conceito de “função” do fotógrafo (que lê) com apontamentos de uma jornada pautada por uma ligação estreita com a Natureza e por atualizações, muito pessoais, à primeira edição do livro.

Escrito de forma superior “*More Than a Rock*” ultrapassa as ideias de quem faz da fotografia uma dependência funcional. O livro está dividido em 4 partes: “Arte”, “Ofício”, “Experiências” e “Meditações”. Cada uma com várias reflexões (curtas), sobre os tópicos mais variados, desde a atividade, a função, os desejos e anseios de uma vida com a fotografia sempre presente. E de quem quer fazer da fotografia uma atividade nobre, sobretudo vivida de forma intensa e passível de mudar as pessoas nas suas relações, entre si. Ao todo, o livro reúne 73 textos sobre

os 4 tópicos principais, sendo a “Arte”, invariavelmente, o conceito que mais atenção mereceu ao autor. As reflexões sobre a missão (da arte), o real e o desejo (entenda-se a necessidade de existência) da arte para o bem estar das pessoas são dignas de apontamento quer pela ênfase que é dada ao processo de criação para si próprio quer para (a defesa do) prazer que cada um deve ter nesse mesmo processo. O “Ofício” do fotógrafo versa, maioritariamente, sobre as inferências consideradas universais para a prática da fotografia. Com uma subtileza de estilo, por vezes irónico, Tal concentra-se nas perguntas sobre a (verdadeira) importância da composição, nas indecisas conclusões sobre o critério da abstração e na (indispensável) supremacia do individualismo (solidão, bem entendido) no ato fotográfico. O capítulo das “Experiências” é substancialmente mais sensorial, muito em parte pela reflexão sobre a vida selvagem e a importância na sua consciência, não só ambiental, como de crescimento do seu próprio estilo fotográfico e na importância que a partilha com o mundo natural tem, atualmente, para si, enquanto cidadão. O capítulo prolonga-se pelas memórias das suas viagens e saídas de campo e no retorno, em jeito de lições (das mais simples às mais complexas) que conseguiu retirar para a sua vida. São alguns “apontamentos de campo”, cuja elevação da escrita permite imaginar através das descrições pormenorizadas de cheiros e texturas que foi presenciando com o passar das estações do ano, ao longo do tempo. As “Meditações” estão patentes no último capítulo, um espaço de introspeção marcado pelos “grandes pensamentos” filosóficos que dão corpo, espaço, liberdade e sentido à vida. A “arte e a vida”, reforça a ideia de uma vida vivida na arte e pela arte, sem qualquer relação

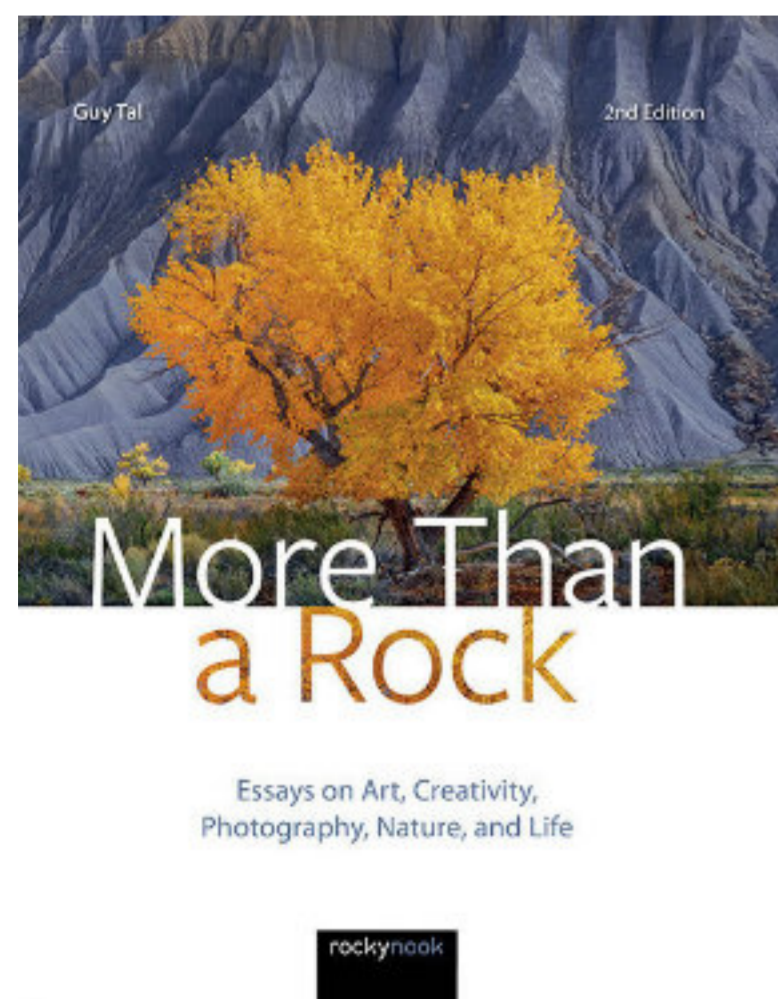
com a fotografia. Os contextos que marcam os momentos, o simples sentido de ser e a proximidade com o “abismo” levam o leitor a afastar-se do ofício fotográfico e a relacionar-se mais com os acontecimentos do dia-a-dia, condição a que o autor dedica algumas páginas. O capítulo termina com duas reflexões profundamente pessoais. Uma sobre a perda da sua irmã, em Dezembro de 2014, pela altura do Natal em que Tal discursa sobre os aspetos que, independentemente da dor que possamos sentir, deverão nortear a nossa vida no sentido do apaziguamento que devemos perseguir. Outra sobre a concomitância dos vários estilos fotográficos e a influência que têm na criação de consciência do ser humano (social) - sobretudo através da noção holística da vida - que todos os contextos proporcionam.

A densidade da escrita (e a profundidade dos pensamentos que poderão dali advir) é acompanhada por uma seleção de fotografias substancialmente apelativas. Guy Tal presenteia os seus leitores com mais de 80 fotografias que obrigam a parar. Uma a uma, acompanham as descrições dos locais, o calor dos sentimentos e a imaginação dos cheiros e das texturas que vamos percecionando ao longo das histórias. A experiência de visualidade é de um nível digno de realce e a escolha das fotografias em função dos textos que constam nos parágrafos é de uma feliz transmissão de pensamento. Guy Tal consegue aliar, de forma desafiante e inspiradora, a filosofia, a natureza e a expressão visual de uma forma magistral num livro obrigatório para quem gosta de refletir sobre a vida e a própria condição humana tendo a fotografia como companheira.

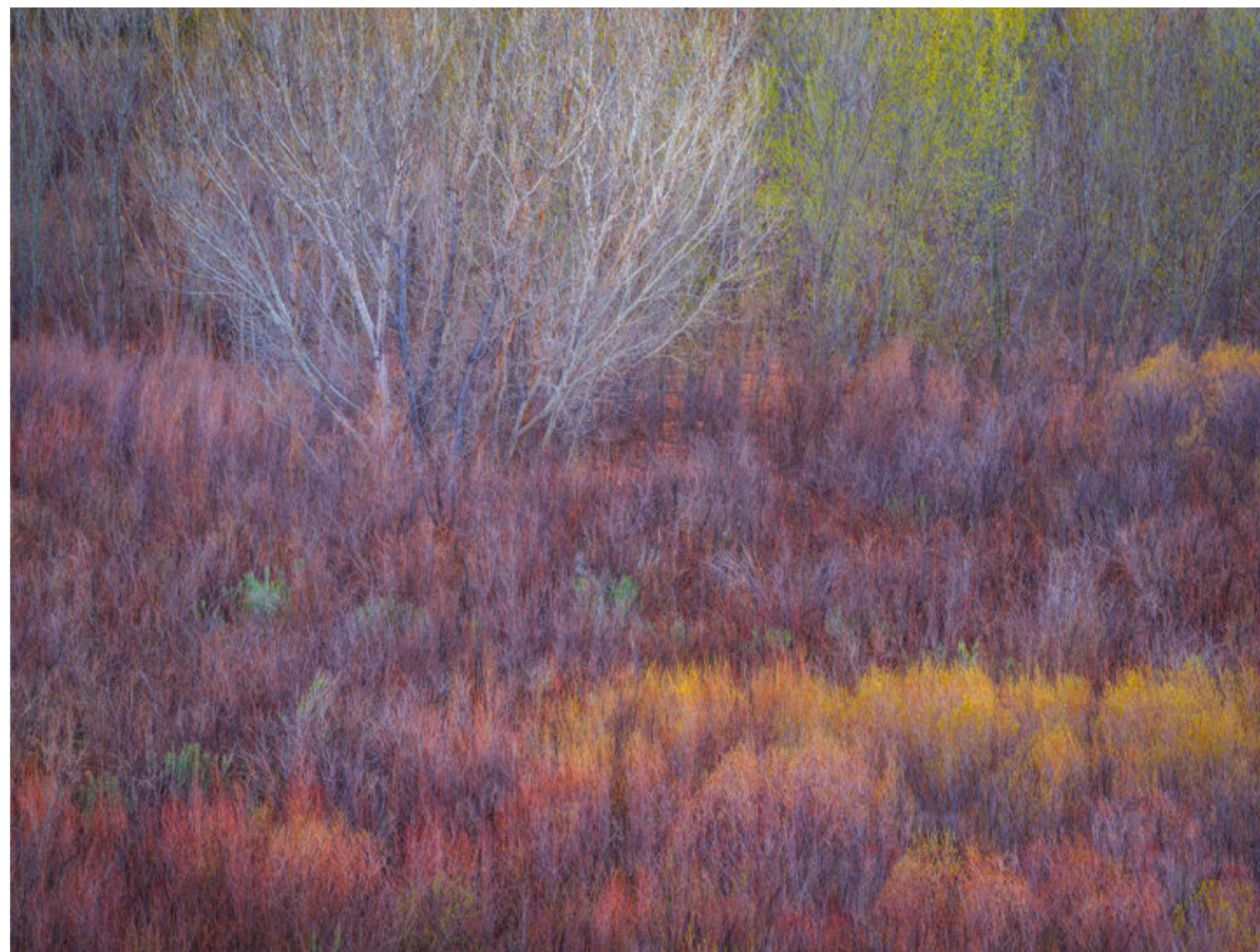
O [blog](#) é de leitura indispensável até porque reflete a estrutura (mental) com que “More Than a Rock” foi escrito e leva-nos, de forma sempre atualizada, a perceber quais as ideias que deram (e vão dando) corpo ao que foi escrito no livro e aos fundamentos da própria forma de ser e de estar do próprio autor.

O livro pode ser comprado no [site](#) do autor e em várias lojas da Amazon. O formato é muito interessante e a leitura recomenda-se que seja feita com alguma concentração... e tempo! A capa tem um toque que se assemelha a tecido de pele de pêssgo, dando uma toque muito especial a um livro não menos fascinante.

Abaixo:
Capa da edição publicada em 2021 nos EUA.
Capa dura, 266 páginas, 18,5 x 23,5 cm
ISBN-13: 978-1681986852



Winter is Over. © [Guy Tal](#)



4:três

Três autores, quatro imagens, unidas por algo em comum. Esta secção é de todos os que lêem esta revista. Se queres participar, envia as tuas imagens, acompanhadas de um texto sobre as mesmas e o elemento que as une, para o email one@luisafonso.com.

Nesta edição:

1. Carla Lopes
2. Isabel Crispim
3. João Reis



O formato de imagem 4:3 é utilizado pela maioria das câmeras digitais *point-and-shoot*, pelos sistemas *Four Thirds* e *Micro Four Thirds* (OM System e Panasonic, por exemplo) e em câmeras 645 de médio formato. O formato digital 4:3 foi desenvolvido para combinar com os monitores digitais dos finais do séc. XX e início do séc. XXI, monitores de computador baseados nas TVs da altura.

Chamado de "janela clássica", utilizado na televisão tradicional (SDTV) e na grande maioria dos ecrãs de computadores até por volta de 2009, tem como origem e grande utilizador todo o cinema feito até por volta de 1950.

Ainda hoje é usado em alguns raros filmes que buscam aquele cheirinho do antigamente, com o seu enquadramento "clássico". É ainda usado na gama de iPads da Apple.

Os Campos à Minha Beira

Texto e fotografias por **Carla Lopes**.

Instagram: **@carla.marialopes**

Nos últimos anos, quase toda a minha fotografia tem sido realizada na região da Beira Baixa.

Coloco a mochila e percorro os campos com a minha objetiva, quase sempre a 100mm macro, à procura de algo que me desperte a atenção. Aqui, o silêncio é quase total. É apenas quebrado pelo chilrear dos pássaros e pelo som que o vento faz ao abanar as copas dos pinheiros. E pelos meus passos, ao pisar a caruma que cobre o solo.

São lugares na aldeia, onde vou desde a infância, mas que tenho vindo a descobrir com um novo olhar e uma nova intenção. A de captar a sua essência e poder transmitir um pouco daquilo que agora sinto e que antes apenas via.

A Beira Baixa tem muitos encantos, em qualquer estação do ano. No Outono, os campos enchem-se de um sem número de fungos e pequenos cogumelos que me obrigam a ter cuidado

para não os pisar. Na Primavera os campos transformam-se em tapetes floridos, com cores, cheiros, abelhas, borboletas... As encostas enchem-se das flores brancas das estevas (reza a lenda que as suas pintas vermelhas representam as cinco chagas de Cristo), chegam os rosmaninhos, as papoilas, as giestas amarelas, muita urze cor de rosa... e uma luz quente, maravilhosa, de final de tarde que atravessa o pinhal.

Quando fotografo aqui, no campo, pretendo registar, à minha maneira, sem pressas nem pressões, um pedacinho deste ambiente acolhedor e familiar. É aqui que paro para respirar fundo, que me afasto de tudo o que é digital, que faço experiências com a luz, com duplas exposições, com diferentes profundidades de campo... que erro e que acerto. Aqui o tempo abranda.

Partilho convosco a minha querida Beira, que faz parte de mim.



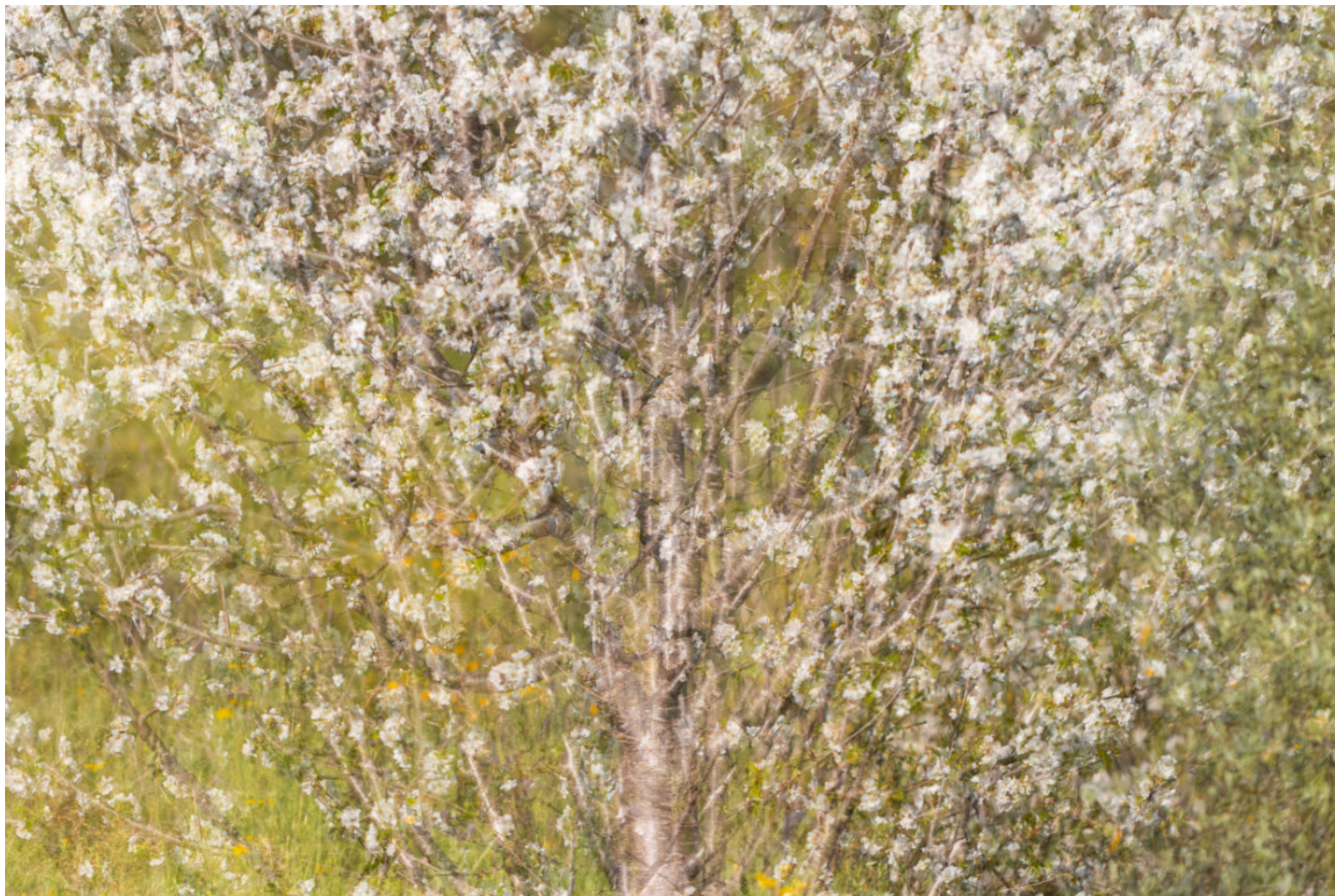
Carla Lopes reside em Lisboa. Começou a fotografar em 2014, despertada por uma resolução de ano novo. Continuou, de forma irregular, até que, em 2017, ao assistir a uma apresentação no festival de fotografia de Vouzela, se apaixonou pela fotografia de natureza mais intimista. A partir daí, não mais quis mudar. Gosto de fotografar pequenos cenários, ao nível do solo, de procurar cores, luz, padrões... Para si, a fotografia só faz sentido se for para mostrar uma visão mais artística e pessoal. É libertador saber que se pode fotografar sobre o que se quiser, como se quiser. Utiliza uma Canon EOS 70D com as objetivas 100mm macro e 24-70mm.



As cores



Os Pinheiros ao entardecer



Cerejeira em flor (Múltipla Exposição)



Rosmaninho em contra luz

H2O

Texto e fotografias por **Isabel Crispim**.

Instagram: **@isabelinha_crispim**

Água...

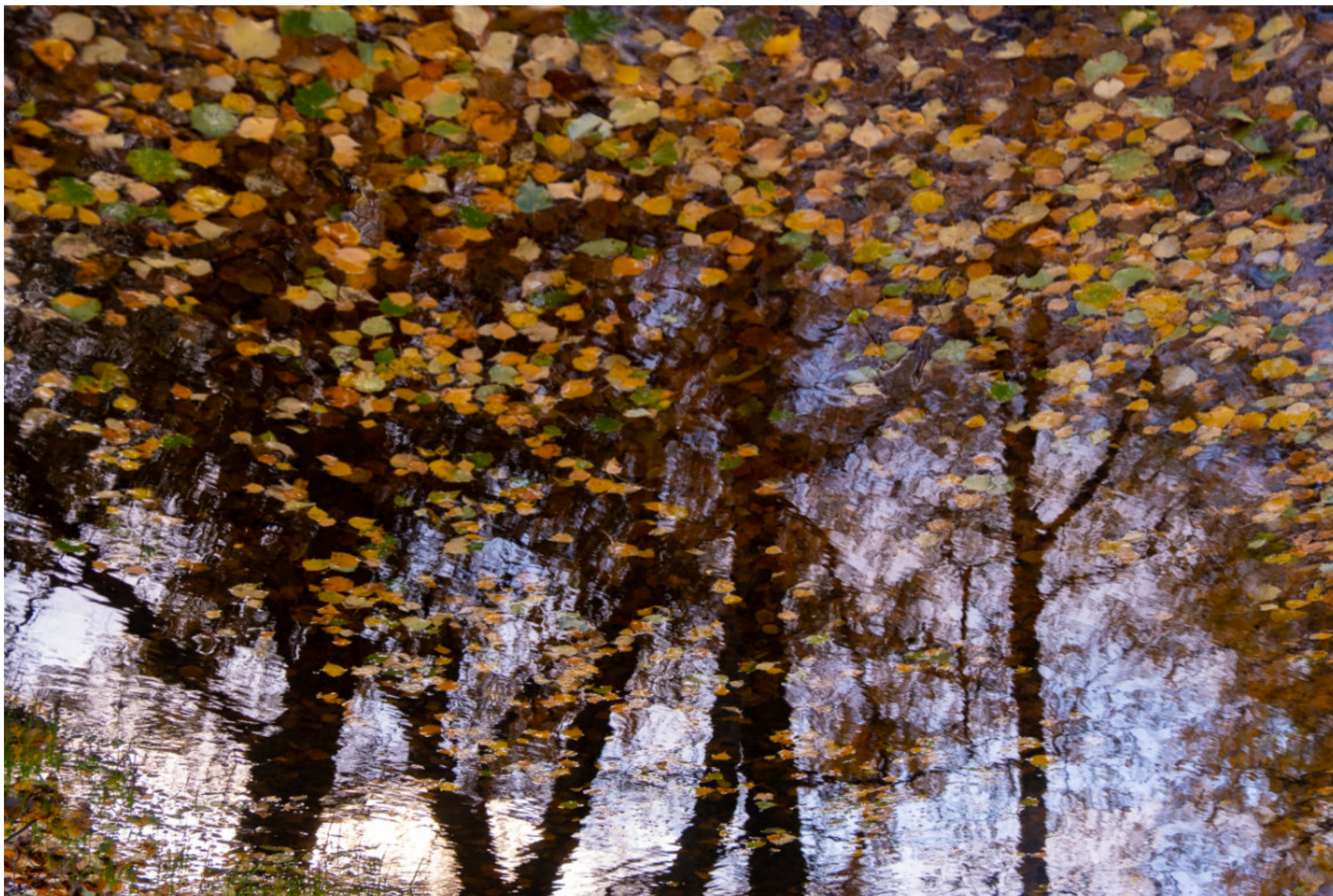
Seja apenas uma gota, uma onda numa praia, uma cascata, um rio ou qualquer outra forma em que se apresente, a água é sempre uma temática que muito me motiva e apaixona.

É fonte de inspiração e estímulo para a minha criatividade, tal é a sua plasticidade.

As quatro fotografias que escolhi para partilhar na edição desta revista abordam isso mesmo.



Isabel Crispim cedo sentiu uma atracção pela fotografia. Começou por registar as férias, viagens e eventos familiares, com uma Kodak Instamatic, ainda analógica. Mais tarde, em 2011, já na era digital, decidiu aprofundar os seus conhecimentos e frequentou o seu primeiro *workshop*, iniciando assim um percurso de aprendizagem e partilha no mundo da fotografia. Para si, a fotografia, para além de um modo de expressão e relaxamento, é também diversão, partilha e troca de experiências com amigos, igualmente entusiastas da fotografia. Nunca esquecendo o seu lado desafiante e apaixonante. Adora fotografar nas zonas costeiras perto de casa, em Sintra e em Monsanto. Usa uma Nikon D750 e, recentemente, optou por equipamento mais leve, passando a fotografar com uma Fujifilm X-T4.



Serra da Estrela, Covão d'Ametade, 2022



Serra da Estrela, Covão d'Ametade, 2022



Rio Tinto, Huelva, 2022



Praia da Adraga, Sintra, 2021

Para Lá do Real

Texto e fotografias por **João Reis**.

Instagram: **@alvoreis**

Uma publicidade de jornal levou-me, há uns dez anos, ao Dark Sky Alqueva. Tive curiosidade em experimentar a astrofotografia e inscrevi-me num *workshop* do Miguel Claro. Continuei com a Fotonature / Primeira Luz para novas caminhadas e novos horizontes se abriram.

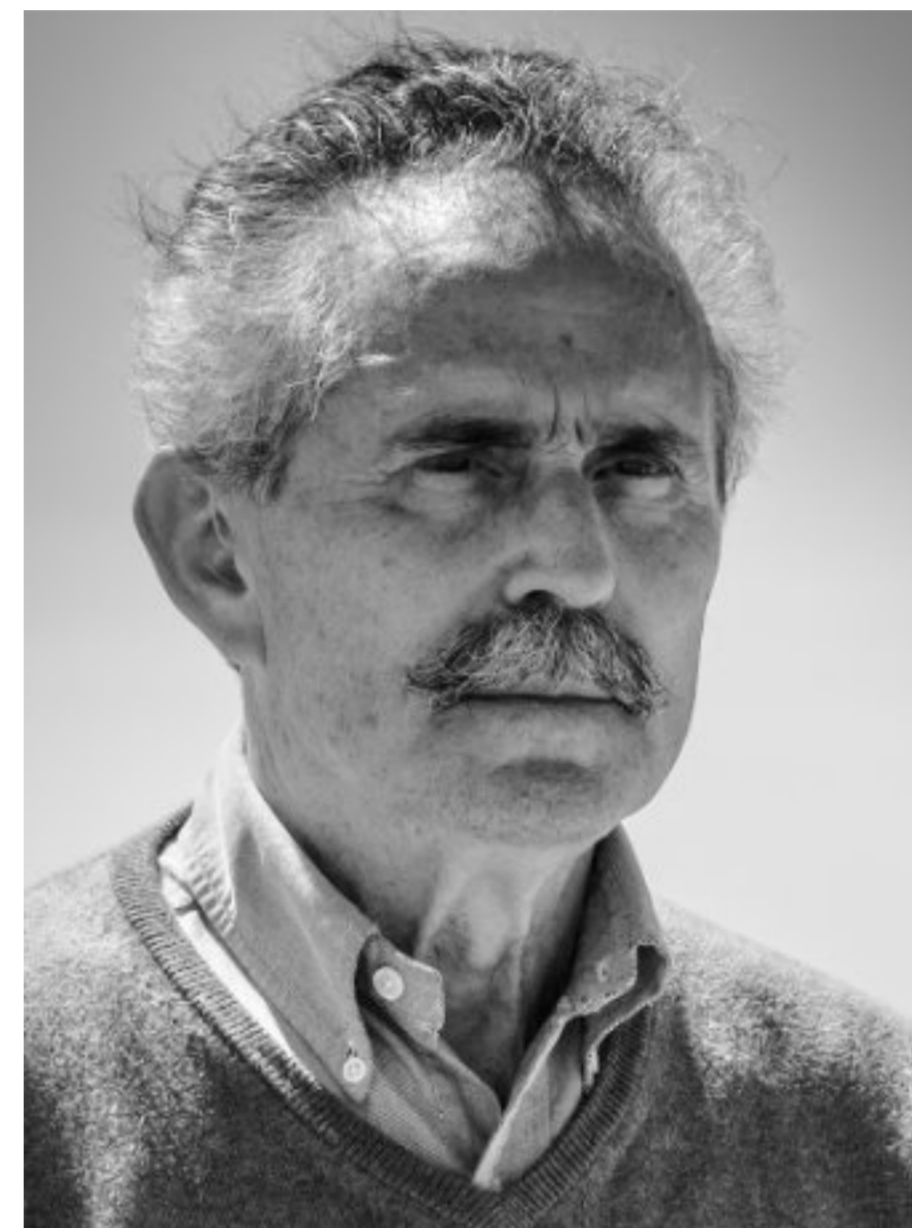
A pouco e pouco, fui-me apercebendo que a fotografia de paisagem e natureza estava muito para além dos bonitos pôr-de-sol que eu tanto detestava. Comecei então a aventurar-me por um território que me era até aí desconhecido. À força de *workshops* e partilhas com fotógrafos mais aguerridos na matéria, fui e vou fazendo a minha aprendizagem.

O que agora mais gosto é de observar o que a natureza nos oferece, entrar na sua intimidade e descobrir os seus segredos. Não apenas documentá-la, antes imaginá-la.

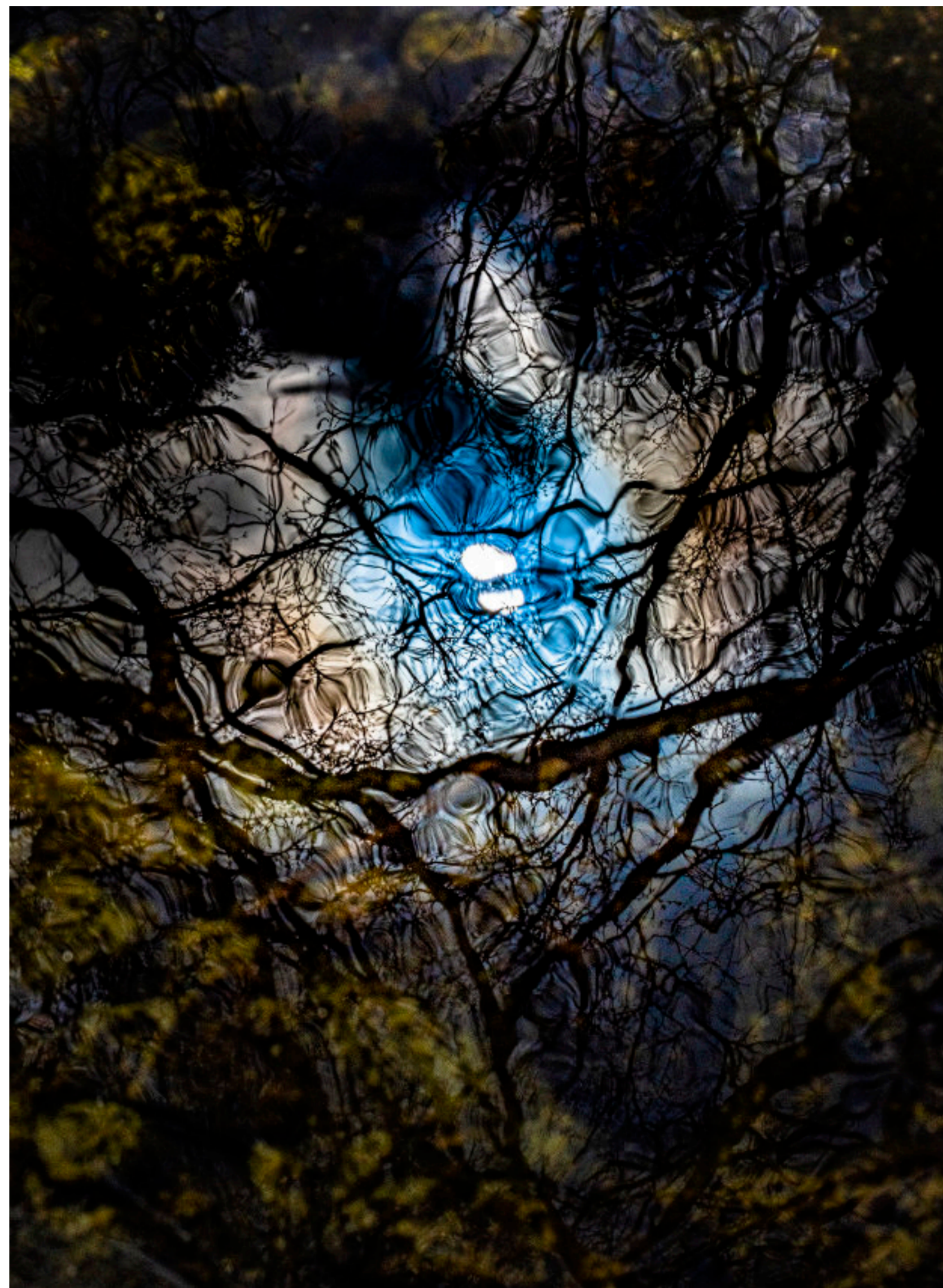
Passar por uma velha árvore, cheia de cicatrizes, incita-me a tirar-lhe o retrato. Mas tenho depois que lhe esconder as cicatrizes, que as transformar.

É a minha forma de olhar através da objetiva.

Preciso que a fotografia me provoque emoções e sensações estéticas. Procuo sempre ver para além da realidade. Seja qual for o pretexto para tirar uma fotografia, ela tem que mostrar algo mais, algo que reflita a nossa própria personalidade, como uma metáfora visual do nosso posicionamento enquanto seres dotados de sentidos, humores e sentimentos.



João Reis comprou, no início dos anos 70, uma Miranda Sensurex que lhe implantou o gosto pela fotografia. Foi amor à primeira vista. Nesses verdes anos, fotografava principalmente a família e os amigos e, nas viagens, a rua, monumentos e a paisagem. Tinha uma predileção por fotografar crianças durante as suas brincadeiras. A sua cultura fotográfica era alimentada com muita leitura, principalmente da revista PHOTO. Muitos anos volvidos, voltou à fotografia há pouco mais de uma década, tendo arrumado a sua Miranda e abraçado o evento do digital com a marca Nikon e, recentemente, com a marca Fujifilm. Vive em Paris desde 1970 mas, sempre que pode, vem fotografar a natureza do seu país.



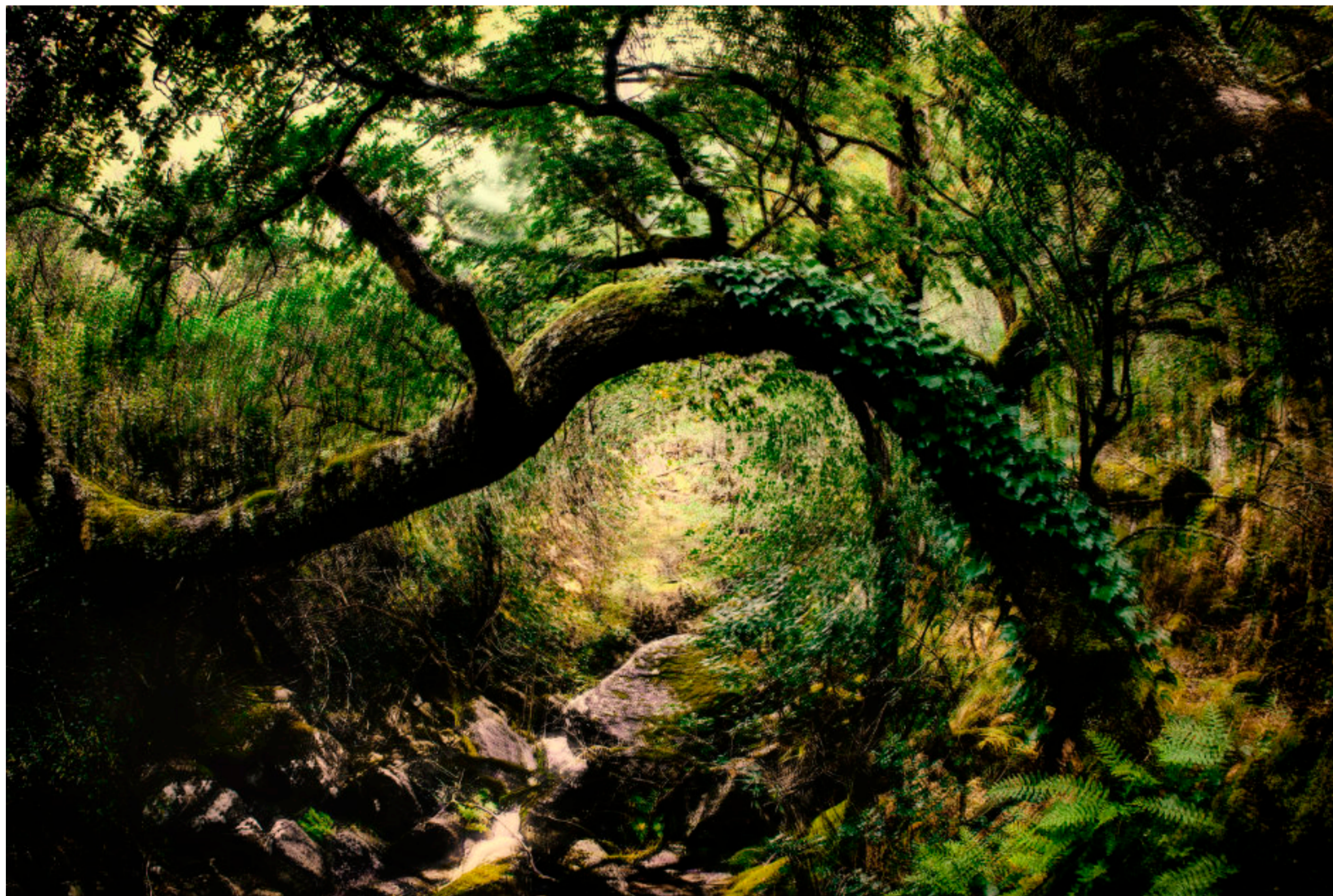
Sol do meio-dia partido a meio e enredado numa teia. Covão d'Ametade



Aqui as rochas parecem ter raizes. Zambujeira do Mar



As chagas de um velho Freixo. Enghien les Bains



Rodopio. Portela do Homem, Gerês

Agenda.

WORKSHOPS & PASSEIOS

A primeira edição do **curso de Projeto Fotográfico** liderado pelo **Luís Afonso**, para a Primeira Luz, está a terminar. Neste momento estão a ser impressos os livros que dão corpo ao trabalho dos participantes e em breve será a apresentação final. A segunda edição terá o seu início em outubro. Mais informação em breve.

O **Mário Cunha** tem duas propostas para maio/junho. A primeira, em Pitões das Júnias, na Serra do Gerês, para fotografar a **Primavera na Floresta**. Será a 13 e 14 de maio e já só existem [duas vagas](#). Quatro [vagas](#) existem igualmente para ir até à Vila do Gerês a 3 e 4 de junho para um workshop de **Montanhas e Bosques**.

O **Miguel Serra** já tem as inscrições abertas para o seu passeio fotográfico “**Pelas Lagoas do Maciço Central**” a ter lugar em Manteigas de 2 a 4 de junho. Venha aventurar-se a conhecer as majestosas lagoas da Serra da Estrela, envoltas em cenários de rara beleza, numa altura do ano onde a cor domina toda a paisagem. Inscrições para: trilhos.fotografia@serravale.pt

O **Tiago Mateus** vai voltar ao **Parque Natural de Sintra-Cascais** para um workshop no dia 20 de maio intitulado “**A Costa e os Bosques do Monte da Lua**”. O número de vagas é limitado. É [reservar](#) antes que esgote!

TOME NOTA

No fim de semana de 6/7 de maio terá lugar mais uma edição do festival Insitu, em Vouzela. Serão também divulgados os resultados do concurso **Generg – Fotógrafo de Natureza do Ano**. Mais informação no [site](#) do festival.

Está aberta a participação para o **concurso de fotografia do FIIN**. O município de Vila Real já colocou em marcha a sétima edição do Festival Internacional de Imagem de Natureza (FIIN 2023) e nesse âmbito podem concorrer aos vários prémios em disputa. Toda a informação no [site](#) do festival. Submissões até **14 de julho**.

O livro “**Aire e Candeeiros: Campo de Orquídeas Silvestres**” do Luís Afonso está esgotado. Se não conseguiu comprar o seu, resta-lhe esperar por uma eventual segunda edição, sem qualquer perspectiva de data de lançamento.

Os Autores.



Ângelo Jesus

Gosta de subir as serras, mas é nos vales, junto dos rios, e no meio das árvores que encontra maior inspiração. Prefere explorar perto de casa, considerando a fotografia a expressão de uma experiência na natureza, assim como um ato de ligação e revelação.

angelojesusphoto.com



Luís Afonso

Gosta de fotografar perto de casa, em locais com os quais pode desenvolver uma relação de longa data, pois acredita que a fotografia de natureza pode e deve representar algo mais do que apenas “isto foi o que eu vi”.

luisafonso.com



Mário Cunha

Vê a natureza como um livro aberto e em constante mutação onde a luminosidade, contraste, geometria, cor e texturas mudam a todo o instante. O maior prazer está em encontrar potencial na paisagem para criar imagens que sejam um reflexo da sua essência.

mariocunhaphotography.com



Miguel Serra

A natureza é a sua maior inspiração, a Estrela a grande paixão. Dono de um olhar inicialmente mais desperto para a paisagem aberta, que ao longo dos anos foi moldado para uma vertente mais intimista dos lugares que conhece e quer respeitar.

miguel Serra.net



Nuno Luís

Apassionado por arte, é através da fotografia que exterioriza aquilo que considera ser um retrato do seu “eu”. Na natureza, encontra o mote que dá alma e expressão a essa paixão sob a forma de narrativas visuais.

nunoluis.net



Ricardo Salvo

Fotografa ao sabor do que as emoções lhe ditam a cada momento, o que dificulta a escolha de um estilo. A Natureza mais crua consubstancia grande parte da matéria fotografável que encontra. Adora debater e pensar Fotografia enquanto arte, função e ciência.

ricardosalvo.com



Rúben Neves

Tem pela fotografia uma atração contemplativa, de emancipação e de liberdade, refletindo avidamente sobre a sua essência. É uma atividade que encara como uma fonte de retorno inigualável que consegue, maioritariamente, através da comunhão com o mundo natural.

[instagram.com/rubeneves](https://www.instagram.com/rubeneves)



Tiago Mateus

Em busca pelo belo e estranho, pelo invulgar e delicado, Tiago perde-se nas caminhadas pelas paisagens que o fascinam. Contudo, a sua arte não consegue escapar à sua própria natureza, retratando muitas vezes a singularidade das emoções e sensações humanas.

tiagomateusphotography.com

PERSPETIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.